Três Histórias da Vida de um Andarilho

Hermann Hesse

Início da primavera

No início dos anos 1890, nosso amigo Knulp teve de passar algumas semanas no hospital. Recebeu alta em meados de fevereiro, quando fazia um tempo horrendo, de modo que, passados poucos dias de caminhada, já voltara a ficar febril e logo precisou encontrar abrigo. Como nunca lhe faltaram amigos, ele encontraria sem esforço uma acolhida amistosa em quase todas as cidadezinhas das redondezas. Porém Knulp era curiosamente orgulhoso em relação a esse tipo de coisa, tanto que, quando aceitava algo assim, os amigos consideravam uma grande honra.

Desta vez ele se lembrou do peliceiro Emil Rothfuss, em Lächstetten, em cuja porta fechada bateu quando já era noite, sob chuva e um forte vento oeste. O peliceiro entreabriu a persiana do andar de cima e gritou em direção à rua escura: “Quem está aí? Não pode esperar até que esteja de dia?”.

Ao ouvir a voz do velho amigo, Knulp logo se animou, apesar de todo o cansaço. Lembrou-se de alguns versinhos que havia composto anos antes, quando ele e Emil Rothfuss caminharam juntos por quatro semanas, e logo começou a cantá-los diante da casa:

*Sentado numa pousada
Está um andarilho cansado
Ninguém mais, ninguém menos
Que o filho pródigo retornado*

O peliceiro escancarou a persiana e se debruçou para fora da janela.

“Knulp! É você ou um fantasma?”

“Sou eu!”, gritou Knulp. “Mas você pode descer pelas escadas, não precisa saltar da janela!” Com uma pressa alegre, o amigo desceu, abriu a porta da casa e iluminou o rosto do recém-chegado com uma pequena lamparina a óleo, o que o fez piscar.

“Agora entre!”, ele gritou, entusiasmado, guiando o amigo para dentro da casa. “Depois você me conta tudo. Ainda sobrou um pouco do jantar, e você tem direito a uma cama. Meu Deus, mas que tempo horrível! Suas botas são decentes, pelo menos?”

Knulp deixou que ele fizesse perguntas e se admirasse. Ainda parado na escada, desdobrou com cuidado a barra da calça e subiu confiante através do breu, apesar de fazer quatro anos que não entrava na casa. No corredor de cima, diante da porta da sala, hesitou um instante e deteve pela mão o amigo que queria fazê-lo entrar. “Escute”, sussurrou, “agora você é casado, não?”

“Sim, isso mesmo.”

“Pois bem. Veja, sua mulher não me conhece, pode ser que ela não fique feliz. Não quero incomodá-los.”

“Imagine se incomoda!”, Rothfuss riu, escancarou a porta e empurrou Knulp para a sala iluminada. Sobre a grande mesa de jantar pendia o enorme lustre a querosene, preso por três correntes; pairava no ar uma leve fumaça de tabaco, que ascendia em colunas finas em direção ao cilindro quente, onde rapidamente rodopiava e desaparecia. Sobre a mesa viam-se um jornal e uma bolsinha cheia de tabaco e, na parede oposta, a jovem dona da casa levantou-se do pequeno canapé com uma alegria parcial e constrangida, como se tivesse sido perturbada num cochilo e não quisesse disfarçar. Knulp ficou piscando por um instante, como se ofuscado por uma luz forte, viu os olhos cinza-claros da mulher e apertou sua mão com um cumprimento gentil.

“Aqui está ela”, disse o mestre peliceiro sorrindo. “E esse é Knulp, meu amigo Knulp, sabe?, sobre quem já conversamos. Claro que ele é nosso convidado e ficará com a cama do aprendiz. O quarto está vazio. Mas primeiro vamos beber uma sidra juntos, e Knulp também precisa comer. Ainda temos linguiça de fígado, não?”

A esposa do mestre saiu da sala e Knulp a acompanhou com o olhar.

“Ela ficou um pouco assustada”, disse ele, baixinho. Mas Rothfuss discordou.

“Vocês ainda não têm filhos?”, perguntou Knulp.

Nesse momento, a mulher retornou trazendo a linguiça num prato de estanho. Repousou-o ao lado de uma tábua de pão, que tinha no centro meia fatia de pão preto, cuidadosamente posicionada com a casca para cima, e em cuja borda se lia, talhada em círculo, a inscrição: “O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE”. “Lis, sabe o que Knulp acaba de me perguntar?”

“Deixe isso pra lá!”, disse o convidado. E se voltou sorridente para a dona da casa: “Veja, eu tomo muita liberdade, minha senhora”. Mas Rothfuss não quis deixar barato.

“Ele perguntou se nós não temos filhos.”

“Ah, bom!”, ela disse sorrindo, e logo tornou a sair da sala.

“Vocês não têm?”, perguntou Knulp, enquanto ela estava fora.

“Não, ainda não. Ela não está com pressa, sabe?, e nos primeiros anos isso é o melhor a fazer. Mas vamos lá, aproveite a comida!”

A mulher voltou trazendo a jarra de sidra de faiança cinza e azul, colocou três copos e logo os encheu. Fez tudo com destreza, enquanto Knulp a observava e sorria.

“Saúde, amigo velho!”, bradou o mestre e ergueu seu copo para Knulp. Ele, porém, era galante e disse: “Primeiro as damas. À sua saúde, minha senhora! Tim-tim, meu velho!”.

Eles brindaram e beberam. Rothfuss estava radiante de alegria e, com uma piscadela para a mulher, perguntou se havia notado como seu amigo tinha excelentes maneiras. Ela notara havia muito.

“Veja só”, disse ela, “o sr. Knulp é mais polido que você, ele conhece os bons costumes.”

“Ah, por favor”, disse o hóspede, “cada um faz do jeito que aprendeu. No que diz respeito às boas maneiras, sinto-me até envergonhado diante da senhora. Que linda mesa foi posta, como nos hotéis mais refinados!”

“Não é mesmo?”, sorriu o mestre, “porém isso ela também aprendeu.”

“Ah! E onde? O pai da senhora é proprietário de uma estalagem?”

“Não, faz muito tempo que ele bateu as botas, eu mal o conheci. Mas trabalhei durante alguns anos na Ochsen, não sei se o senhor conhece.”

“Na Ochsen? Esta costumava ser uma das estalagens mais elegantes de Lächstetten”, elogiou Knulp.

“E ainda é. Não é verdade, Emil? Quase todos os nossos hóspedes eram caixeiros-viajantes e turistas.”

“Eu acredito, minha senhora. Sem dúvida a senhora viveu coisas boas e ganhou bem por lá! Mas ter o seu próprio lar é muito melhor, não é mesmo?”

Devagar, e com imenso deleite, Knulp espalhou o conteúdo macio da linguiça no pão, colocou a pele vazia do embutido na borda do prato, e, de tempos em tempos, tomava um gole daquela boa sidra amarela. O mestre o olhava com admiração e respeito, o modo como suas mãos delicadas executavam os movimentos necessários com tamanha graça e limpidez, e a dona da casa também teve prazer em observar.

“Mas você não está com um aspecto muito bom”, Emil Rothfuss começou a criticá-lo, e assim Knulp precisou admitir que estivera mal nos últimos tempos e ficara internado no hospital. No entanto, não contou nada mais

constrangedor. O amigo perguntou o que pensava em fazer agora e carinhosamente lhe ofereceu uma mesa e um teto pelo tempo que quisesse; era exatamente isso que Knulp queria e com o que contava, mas ele pareceu acometido por um ataque de timidez, agradeceu brevemente e adiou a discussão dessas coisas para o dia seguinte.

“Podemos falar sobre isso amanhã ou depois de amanhã”, disse com displicência, “graças a Deus o mundo ainda não vai acabar, e devo ficar mais um pouquinho por aqui, de todo modo.”

Ele não gostava de fazer planos ou promessas a longo prazo. Quando não tinha os dias seguintes inteiramente ao seu dispor, não se sentia bem. “Caso eu precise ficar aqui por mais tempo”, recomeçou, “você vai ter de me aceitar como seu ajudante.”

“Essa é boa!”, gargalhou o mestre. “Você, como meu ajudante! Mas você não sabe nada sobre o ofício de peliceiro.”

“Não importa, você não entende? Apesar de ser um belo trabalho manual, não entendo nada de curtume, não tenho nenhum talento para o trabalho. Mas seria muito bom para a minha caderneta de viajante, sabe. Eu poderia até receber um auxílio-saúde.”

“Posso ver sua caderneta?”

Knulp alcançou o bolso interno do seu terno quase novo e sacou o objeto de lá, cuidadosamente guardado num estojo impermeável.

O mestre peliceiro o olhou e sorriu: “Sempre impecável! Quem vê pensa que você saiu ontem da casa da sua mãe”.

Então ele examinou as anotações e os carimbos oficiais e balançou a cabeça com profunda admiração: “Mas veja que organização! Tudo seu tem um toque de nobreza”.

Manter a caderneta em ordem era uma das atividades favoritas de Knulp. Com seu aspecto imaculado, ela apresentava uma ficção graciosa ou mesmo uma poesia, e os registros oficiais que trazia indicavam estágios realmente gloriosos de uma vida honrosa e esforçada, na qual apenas o *wanderlust*, o prazer das viagens, se fazia notar, sob a forma de constantes mudanças de lugar. Knulp inventara para si uma vida certificada por esse passaporte oficial e, com grande arte, dera continuidade à sempre ameaçada trama de sua existência ilusória — na realidade, ele havia feito poucas coisas realmente proibidas, mas levava a existência ilegal e desobediente de um andarilho desempregado. É verdade que ele não teria tido toda essa sorte de continuar sem grandes incômodos com sua bela ficção se não fosse tão

benquisto pelos policiais. Na medida do possível, eles deixavam em paz aquele sujeito alegre e conversador, cujas superioridade de espírito e seriedade ocasional respeitavam. Ele quase não tinha antecedentes criminais, nunca fora condenado por furto ou por mendicância e possuía amigos respeitáveis em toda parte; então o deixavam passar, como se fosse um belo gato que pode morar numa casa muito arrumada, que todos toleram com indulgência, enquanto ele vive livre e despreocupado, elegante, maravilhosamente aristocrático e sem ter nenhum trabalho no meio daquelas pessoas esforçadas e aflitas.

“Mas vocês já estariam há muito tempo na cama se eu não tivesse aparecido”, disse Knulp, recolhendo seus papéis. Levantou-se e fez um cumprimento à dona da casa.

“Vamos, Rothfuss, mostre-me onde fica minha cama.” O mestre o acompanhou iluminando a escada estreita que levava ao quatinho no sótão. Havia a armação de uma cama de ferro vazia encostada na parede e, ao lado, uma cama de madeira já arrumada.

“Você quer uma botija de água quente para aquecer a cama?”, perguntou o dono da casa, com um tom paternal.

“Só me faltava essa”, riu Knulp. “O senhor mestre com certeza não precisa de uma, já que tem uma esposinha tão linda.”

“Sim, isso mesmo”, disse Rothfuss com entusiasmo, “e agora você vai para sua cama gelada no quatinho do sótão, e às vezes pode ser até pior, às vezes não há cama nenhuma e você precisa dormir sobre o feno. Mas tipos como eu têm casa, trabalho e uma mulher simpática. Veja, você podia ter se tornado um mestre há muito tempo, até melhor do que eu, bastava querer.”

Nesse meio-tempo, Knulp havia se despido com pressa e se metido, tremendo, debaixo da gélida roupa de cama.

“Você ainda tem muito a dizer?”, perguntou ele. “Agora que estou bem deitado, posso escutar.”

“Eu falei sério, Knulp.”

“Eu também, Rothfuss. Mas você não pode achar que o casamento foi uma invenção sua. Bem, tenha uma boa noite!”

No dia seguinte, Knulp permaneceu na cama. Ainda se sentia um pouco fraco, e o tempo estava tão ruim que mal tinha vontade de sair de casa. Pediu ao peliceiro, que esteve com ele pela manhã, que o deixasse repousar tranquilo e que apenas lhe trouxesse um prato de sopa ao meio-dia.

Assim, passou o dia inteiro no lusco-fusco do sótão, quieto e satisfeito, sentindo desaparecer o frio e os incômodos causados por suas caminhadas, e se entregou com prazer ao bem-estar de uma cálida sensação de segurança. Escutou o diligente bater da chuva no telhado e o vento que se movia inquieto, suave e morno, com seus golpes caprichosos. De tempos em tempos, dormia meia hora ou, caso houvesse luz suficiente, lia algo de sua biblioteca de viajante; essa consistia em folhas nas quais ele tinha escrito poemas e provérbios e num pequeno maço de recortes de jornais. Também havia ali algumas imagens que Knulp encontrara em revistas semanais e recortara. Duas delas eram suas favoritas e estavam cheias de vincos, surradas de tanto manuseio. Uma trazia a atriz Eleonora Duse e a outra, um veleiro num mar bravio, com um vento forte. Desde menino Knulp tinha um apreço pelos nórdicos e pelo mar, e muitas vezes rumara para aquela direção, chegando até Braunschweig em certa ocasião. Mas esta ave migratória, que estava sempre em viagem e nunca se assentava por mais tempo em nenhum lugar, tinha uma curiosa ansiedade e um amor à terra natal que sempre a faziam rumar rapidamente para o sul da Alemanha. Pode ser também que sua atitude despreocupada se perdesse quando ele chegava a lugares com dialetos e costumes estranhos, lugares onde ninguém o conhecia e lhe era mais difícil manter em ordem a lendária caderneta.

Ao meio-dia o mestre peliceiro trouxe sopa e pão. Entrou em silêncio e falou num sussurro assustado, julgando que Knulp estivesse enfermo, pois ele mesmo, desde as doenças da infância, nunca tinha ficado na cama durante o dia. Knulp, que já se sentia muito bem, não se deu ao trabalho de explicar nada e assegurou apenas que no dia seguinte estaria saudável e de pé.

No fim da tarde bateram à porta, e como Knulp cochilava e não respondia nada, a esposa do mestre entrou no quarto com cuidado e colocou sobre o banquinho ao lado da cama, no lugar do prato de sopa vazio, uma xícara de café com leite.

Knulp, que ouvira muito bem quando ela entrou, seguiu deitado de olhos fechados, fosse por cansaço ou por capricho, e não a deixou notar que estava acordado. Com o prato vazio na mão, a mulher lançou um olhar para o homem adormecido, cuja cabeça descansava sobre o braço semicoberto pela manga de sua camisa xadrez azul. Ao notar a delicadeza dos cabelos escuros e a beleza quase infantil daquele rosto despreocupado, ela ficou por um instante contemplando o belo rapaz, sobre o qual o mestre lhe contara tantas

coisas maravilhosas. Acima dos olhos fechados, viu as sobrancelhas densas na testa macia e clara, as bochechas magras mas coradas, a boca fina de um vermelho brilhante, o pescoço esguio — e tudo lhe agradava. Pensou na época em que era garçomete na Ochsen, quando uma alegria de primavera a acometia e ela se deixava amar por algum garoto estrangeiro tão bonito como aquele.

Quando a mulher se inclinou um pouco para a frente a fim de espiar o rosto inteiro, ainda em devaneios e levemente excitada, a colher de estanho escorregou do prato e caiu no chão, o que a assustou terrivelmente em meio ao silêncio e à clandestinidade embaraçosa daquele lugar.

Knulp então abriu os olhos, devagar e dissimuladamente, como se saísse de um sono profundo. Levantou a cabeça, pôs as mãos sobre a testa por um instante e disse com um sorriso: “Veja, se não é a senhora! E me trouxe um café! Um café bom e quente, era com isso que eu sonhava agora mesmo. Bem, muito obrigada, sra. Rothfuss! Saberá me dizer que horas são?”.

“Quatro”, ela disse com pressa. “Agora beba enquanto o café está quente, depois eu volto para buscar a xícara.”

E assim retirou-se com rapidez, como se não tivesse um minuto a perder. Knulp a seguiu com o olhar e a escutou desaparecer apressada escada abaixo. Ficou com os olhos pensativos e balançou a cabeça várias vezes, depois soltou um leve assobio de passarinho e voltou ao seu café.

Uma hora depois do anoitecer, porém, ficou entediado; sentia-se bem e estava soberbamente descansado. Já tinha vontade de encontrar as pessoas. Levantou-se contente e se vestiu, desceu as escadas no escuro sem fazer barulho, como uma raposa, e saiu despercebido da casa. O vento sudoeste ainda soprava forte e úmido, mas não chovia mais, e no céu se viam grandes brechas de luz e claridade.

Knulp flanava pelas ruas noturnas e pela praça deserta do mercado inspirando o ar puro, até que parou diante do portão aberto de uma ferraria. Viu os aprendizes que arrumavam o lugar e travou uma conversa com os artífices enquanto esquentava as mãos frias sobre o vermelho-vivo da fomalha que se extinguiu. Depois perguntou sobre seus vários conhecidos na cidade, informou-se sobre os óbitos e os casamentos e deixou que o mestre ferreiro o tomasse por um de seus colegas, afinal era versado na linguagem e nos gestos de identificação de todos os ofícios.

Enquanto isso, a sra. Rothfuss preparava a sopa do jantar, fazendo as bocas de ferro do fogãozinho tilintarem e descascando batatas, e quando

tudo ficou pronto e a sopa estava segura sobre o fogo brando, ela foi para a sala com a lamparina da cozinha e pôs-se diante do espelho. Encontrou ali o que procurava: um rosto cheio, com bochechas saudáveis e olhos cinza-azulados, e com os dedos habilidosos arrumou onde o cabelo não lhe parecia bem. Então esfregou mais uma vez no avental as mãos que acabara de lavar, pegou a lamparina e subiu ligeira para o sótão.

Bateu de leve na porta do quarto do visitante, e de novo, um pouco mais forte, mas como não obteve resposta depositou a lamparina no chão e, com todo cuidado, abriu a porta com as duas mãos, de modo que não rangesse. Entrou na ponta dos pés, deu um passo e bateu pelo banquinho ao lado da cama.

“O senhor está dormindo?”, perguntou à meia-voz. E mais uma vez: “O senhor está dormindo? Só quero recolher a louça”.

Como tudo permanecia quieto e não se ouvia nem uma respiração, ela esticou a mão em direção à cama, porém logo a puxou de volta, com um estranho sentimento, e correu para buscar a lamparina. Ao ver o quarto vazio e a cama arrumada com capricho (até os travesseiros e o edredom de penas haviam sido impecavelmente afogados), ela voltou correndo para a cozinha, desconcertada, com um misto de medo e decepção.

Meia hora depois, quando o mestre já voltara para o jantar e a mesa estava posta, a mulher começou a ficar preocupada. Não teve, contudo, coragem de contar ao marido sobre sua visita ao quartinho do sótão. Mas logo se ouviu o portão ranger, e passos suaves soaram pelo corredor pavimentado e pela escada curva. Knulp apareceu, tirou o belo chapéu de feltro marrom da cabeça e desejou boa noite.

“Ora, mas de onde você vem?”, disse o mestre surpreso. “Doente e andando à noite por aí! Assim você pode atrair a morte.”

“Tem toda razão”, disse Knulp. “Olá, sra. Rothfuss, cheguei na hora certa. Senti o cheiro da sua sopa maravilhosa já da praça do mercado, acho que ela me ajudará a espantar a morte.”

Sentaram-se para comer. O dono da casa estava falante e se gabava da sua vida doméstica e da condição de mestre. Provocou o convidado e depois lhe falou novamente com seriedade, disse que deveria encerrar de uma vez por todas essa vida de perambular e não fazer nada. Knulp escutou e pouco respondeu, e a mulher não disse uma palavra. Estava irritada com o marido, que lhe parecia grosseiro ao lado do belo e bem-educado Knulp, e mostrou a boa impressão que tinha do hóspede pelo modo muito atencioso com que o

servia. Quando soaram as dez horas no relógio, Knulp disse boa-noite e pediu a navalha de barbear emprestada ao mestre.

“Como você é asseado”, exclamou Rothfuss, enquanto lhe entregava a navalha. “Mal começa a lhe coçar o queixo, já precisa fazer a barba de novo. Bem, uma boa noite e melhoras!”

Antes de entrar em seu aposento, Knulp se debruçou sobre a janelinha no topo da escada do sótão para dar uma olhada no tempo e na vizinhança por mais um instante. Quase não havia vento e, entre os telhados, se avistava um pedaço negro de céu no qual reluziam estrelas nítidas, úmidas e cintilantes.

Já ia recolher a cabeça para fechar a janela quando, de repente, uma janelinha se acendeu do outro lado da rua, numa casa vizinha. Viu um quartinho de teto baixo semelhante ao seu, por cuja porta entrava uma jovem empregada, uma vela num candelabro de latão em uma mão e, na outra, um grande jarro de água, que ela depositou no chão. A moça acendeu a vela sobre sua cama estreita de criada, leito modesto porém limpo que, com um cobertor grosso de lã vermelha, convidava ao sono. Largou o castiçal, não se via onde, e sentou-se sobre um baú baixo pintado de verde, o mesmo que todas as empregadas tinham.

Para não ser visto, Knulp apagou a sua luz ligeiro, tão logo a cena inesperada começou a se desenrolar, e ficou parado espreitando pela janelinha.

A jovem criada em frente era do tipo que lhe agradava. Devia ter dezoito ou dezenove anos, não muito alta, um belo rosto moreno, boca pequena, olhos castanhos e cabelos escuros e cheios. O rosto plácido e agradável não parecia nada feliz, no conjunto ela se mostrava bastante preocupada e triste, sentada sobre seu duro baú verde, de modo que Knulp, que conhecia o mundo e também as garotas, podia adivinhar que a moça não estava havia muito tempo com seu baú em terras estrangeiras e que deveria sentir saudades de casa. As mãos morenas e magras repousavam sobre seu colo, e ela buscava um consolo fugaz ao se sentar por um momento sobre seus poucos pertences, pensando na sala da casa de seus pais.

De sua janela, Knulp permanecia tão imóvel quanto a moça em seu quarto. Olhava com um espanto maravilhado para aquela vida humana desconhecida, que guardava tão inocentemente sua linda angústia sob a luz das velas, ignorando a existência de um espectador. Notou os olhos castanhos e de boa índole ora escurecendo, sinceros, ora se cobrindo sob os longos cílios, e a luz vermelha brincando suavemente nas bochechas coradas

e infantis; observou as mãos magras e jovens, como estavam cansadas e como gostariam de adiar a última tarefa, o despir-se, enquanto descansavam sobre o vestido de algodão azul-escuro.

Por fim, com um suspiro a moça levantou a cabeça, a pesada trança enrolada como um ninho, lançou ao vazio um olhar pensativo e não menos preocupado e se curvou para desatar os sapatos.

Knulp não queria sair de onde estava, no entanto lhe parecia errado e quase grotesco observar a pobre criança se despir. Gostaria de chamá-la, de conversar um pouco com ela e dizer algum gracejo que a fizesse ir para a cama um pouco mais feliz. Porém temia que ela ficasse assustada e rapidamente assoprasse a vela no momento em que ele atraísse sua atenção.

Em vez disso, Knulp passou a exercitar um de seus muitos dotes artísticos. Começou a assobiar de modo infinitamente delicado e suave, como se o som viesse de muito longe — era a canção “Numa relva fria, a roda do moinho gira” —, e conseguiu fazê-lo tão delicada e suavemente que por um bom tempo a garota escutou o som sem saber bem do que se tratava, e apenas no terceiro verso ela se virou, levantou-se e foi até a janela.

Pôs a cabeça para fora e ficou ouvindo, enquanto Knulp seguia assobiando baixinho. A moça acompanhou com a cabeça alguns compassos da melodia, até que, de repente, olhou para fora e identificou de onde vinha a música.

“Tem alguém aí?”, ela perguntou sussurrando.

“Apenas um ajudante de peliceiro”, ele respondeu, também discretamente. “Não quero atrapalhar o sono da moça. Tenho só um pouco de saudades de casa, por isso assobio esta canção. Porém conheço outras mais alegres... Você também não é daqui, mocinha?”

“Sou da Floresta Negra.”

“Sim, da Floresta Negra! Também venho de lá, somos conterrâneos, então. E o que acha aqui de Lächstetten? Eu não gosto nem um pouco.”

“Ah, nem tenho como dizer, cheguei há apenas oito dias. Mas também não me parece muito bom. O senhor está aqui faz tempo?”

“Não, só três dias. Mas conterrâneos devem se tratar por você, não?”

“Não, não posso, nós não nos conhecemos.”

“Ainda não, mas pode acontecer. A montanha e o vale não se aproximam, mas as pessoas, sim. De onde a senhorita vem?”

“O senhor não há de conhecer.”

“Quem sabe? Ou é um segredo?”

“Achthausen. É só uma aldeia.”

“Mas uma linda aldeia, não? Logo na esquina fica uma capela, e também há um moinho, ou uma serraria?, e lá vocês têm um grande cão são-bernardo amarelo. É ou não verdade?”

“O Bello, sim!”

Ao ver que ele conhecia sua terra natal e que havia estado ali de fato, boa parte da desconfiança e do mal-estar se afastou da jovem, que ficou bastante animada.

“O senhor também conhece Andres Flick?”, perguntou apressada.

“Não, não conheço ninguém lá. Mas imagino que seja o pai da senhorita?”

“Sim.”

“Muito bem, então eis a srta. Flick, e, se agora eu souber o seu primeiro nome, posso lhe escrever uma carta na próxima vez que for a Achthausen.”

“O senhor já quer ir embora daqui?”

“Não, não quero, mas quero saber seu nome, srta. Flick.”

“Ora, mas eu também não sei o nome do senhor.”

“Sinto muito, mas isso é fácil de resolver. Meu nome é Karl Eberhard, e quando nos encontrarmos novamente durante o dia a senhorita já sabe como me chamar. E como eu devo chamá-la?”

“Barbara.”

“Está certo, muito obrigado. Porém seu nome é difícil de se pronunciar, e quase tenho vontade de apostar que todos a chamam de Bärbele em casa.”

“Eles me chamam assim mesmo. Mas, se o senhor sabe quase tudo, por que faz tantas perguntas? Bem, já é hora de encerrar. Boa noite, peliceiro.”

“Boa noite, srta. Bärbele. Durma bem, vou seguir assobiando, só porque se trata da senhorita. Não precisa fugir, não custa nada.”

E, de imediato, começou a assobiar uma frase elaborada, à moda tirolesa, com tons duplos e trinados que cintilavam como em uma música feita para dançar. Impressionada com a habilidade de Knulp, a moça escutou com atenção e, quando de novo se fez silêncio, fechou as persianas e as trancou sem fazer barulho, enquanto Knulp rumava para seu quarto no escuro.

Pela manhã, Knulp acordou cedo e pôs em uso a navalha do peliceiro. O mestre, porém, há anos cultivava uma barba espessa, de sorte que a peça estava tão imprestável que Knulp precisou gastar uma meia hora afiando-a em seus suspensórios para conseguir se barbear. Quando ficou pronto, vestiu o paletó, levou as botas nas mãos e desceu para a cozinha, que já estava aquecida e recendia a café.

Pediou escova e graxa à esposa do mestre, para lustrar as botas.

“Que bobagem!”, ela exclamou, “isso não é trabalho de homem. Deixe que eu faço.”

Mas ele jamais permitiria aquilo, e quando ela, com uma risada desconcertada, por fim colocou o material de engraxar diante dele, Knulp fez o trabalho com esmero, asseio e de modo lúdico, como um homem que faz trabalhos manuais apenas raramente e quando tem vontade, desempenhando a tarefa, nessas ocasiões, com todo cuidado e alegria.

“Dá gosto de ver”, elogiou a mulher e olhou para ele. “Tudo brilhando, como se o senhor fosse encontrar a namorada.”

“Oh, eu adoraria fazer isso.”

“Acredito que sim. O senhor certamente tem uma muito bonita.” Ela sorriu de novo, insinuante. “Talvez até mais de uma?”

“Oh, isso não seria certo”, Knulp a repreendeu com simpatia. “Posso mostrar uma foto dela para a senhora.”

Ela se aproximou ansiosa enquanto ele tirava do bolso do peito sua pastinha de oleado para procurar o retrato de Duse. A mulher observou a foto com interesse.

“Ela é muito fina”, elogiou com cautela, “quase uma verdadeira dama. Só parece muito magra. Ela tem boa saúde?”

“Até onde sei, sim. Bem, agora vamos encontrar o velho, posso ouvi-lo na sala.”

Subiu e cumprimentou o peliceiro. A sala fora varrida e parecia acolhedora e caseira, com o lambri claro, o relógio, o espelho e as fotografias na parede. Uma sala tão limpa, pensou Knulp, não é uma má ideia no inverno, mas não valia a pena se casar só para isso. Ele não se encantava de modo algum com os agrados que a esposa do mestre lhe fazia.

Depois de tomar o café com leite, acompanhou Rothfuss ao pátio e ao alpendre e deixou que lhe mostrasse todo o curtume. Knulp conhecia quase todos os ofícios e fazia perguntas tão informadas que deixavam o amigo impressionado.

“Como é que você sabe de tudo isso?”, perguntou com vivacidade. “Pode-se mesmo pensar que você trabalha ou um dia já trabalhou com couro.”

“Aprende-se todo tipo de coisa quando se viaja”, Knulp disse, comedido. “A propósito, tudo que sei sobre curtume aprendi com você, meu mestre, não se lembra? Há seis ou sete anos, quando viajamos juntos, você me contou tudo.”

“E você ainda se lembra de tudo?”

“Em parte, Rothfuss. Mas não quero mais atrapalhá-lo. Pena, eu gostaria de ter ajudado um pouco, mas o curtume é demasiado úmido e abafado, e ainda estou tossindo bastante. Bem, até logo, meu velho, vou dar um pulo na cidade, antes que chova.”

Rothfuss parou na porta e observou Knulp deixar a casa e caminhar devagar pela ruela do curtume em direção à cidade, com seu chapéu de feltro marrom levemente inclinado para trás. Estava perfeitamente penteado, ia com seu andar leve e divertido e evitava com todo cuidado as poças de água da chuva.

“Ele tem sorte, na verdade”, pensou o mestre com uma pontinha de inveja. E, enquanto caminhava para seus fossos, pensava no amigo excêntrico que não queria nada da vida além de ser um espectador, e Rothfuss não sabia dizer se aquilo era uma atitude ambiciosa ou modesta. Quem trabalha e consegue prosperar tem uma vida melhor, em muitos sentidos; no entanto, ele nunca teria mãos tão belas e macias ou andaria com tamanha leveza e graça. Não, Knulp tinha razão em seguir o que mandava sua natureza, e eram poucas as pessoas que podiam agir como ele. Estava certo em falar com desconhecidos como se fosse uma criança e assim os conquistar, certo em dizer coisas belas para as mulheres de todas as idades e em fazer de conta que todos os dias eram domingo. Era preciso deixá-lo ser o que era, e, caso o amigo estivesse mal e precisasse de abrigo, seria um prazer e uma honra recebê-lo — e era quase preciso ser grato por isso, pois ele tornava a casa alegre e solar.

Enquanto isso, seu convidado caminhava curioso e satisfeito pela cidadezinha, assobiando uma marcha de soldado entre os dentes. Começou a visitar sem pressa os lugares e as pessoas que ele conhecia de antes. Primeiro rumou para o subúrbio, situado numa área íngreme, onde conhecia um pobre alfaiate que vivia só de remendar calças velhas e quase nunca recebia a encomenda de um terno novo, o que era uma pena, pois era habilidoso e tivera grandes expectativas no início da carreira, quando trabalhou em boas oficinas. Mas casou-se cedo e logo arranjou uns tantos filhos, e a mulher tinha pouco talento para as tarefas do lar.

Knulp encontrou o alfaiate Schlotterbeck no terceiro andar de uma casa de fundo no subúrbio. A pequena oficina ficava suspensa no ar como um ninho de pássaro, pois a casa fora construída na encosta do vale e, quando se olhava pela janela, não se viam apenas os três debaixo, mas também os jardins íngremes e os prados cobertos de relva na montanha

vertiginosamente mais abaixo, terminando em uma confusão cinza de quintais, galinheiros e currais de cabras e coelhos, e os telhados mais próximos que se avistavam estavam muito além dessa área negligenciada, profunda e pequena do vale. Mas a oficina do alfaiate era cheia de luz e arejada, e, sobre sua mesa ampla perto da janela, o diligente Schlotterbeck empoleirava-se altivo e reluzente no topo do mundo, como o atalaia de um farol.

“Salve, Schlotterbeck”, disse Knulp ao entrar, e o mestre, cego com a luz, apertou os olhos para enxergar algo na direção da porta.

“Oh, Knulp!”, exclamou entusiasmado e estendeu a mão ao visitante. “De novo na região? Aconteceu alguma coisa para que você tenha subido até aqui?”

Knulp apanhou um banquinho de três pés e sentou-se.

“Dê aqui uma agulha e um pouco de linha, porém marrom e da melhor qualidade, quero fazer uma inspeção.”

Assim, ele tirou o paletó e o colete, procurou a ponta da linha, passou pela agulha e inspecionou com olhos atentos todo o seu terno, que ainda parecia muito bom e quase novo, e consertou com seus dedos diligentes cada parte mal-ajambrada, cada viés solto e cada botão que não estava bem preso.

“E no mais, como estão as coisas?”, perguntou Schlotterbeck. “A época do ano não é das melhores. Mas quando se está bem de saúde e não se tem família...”

Knulp pigarreou agressivamente.

“Sim, sim”, ele disse. “O Senhor faz chover sobre os justos e os injustos, mas só o alfaiate fica seco. Você continua a reclamar, Schlotterbeck?”

“Ah, Knulp, não queria falar nada. Mas você está ouvindo o choro das crianças lá embaixo. Agora temos cinco. Por isso me sento aqui e trabalho duro noite adentro, e mesmo assim nunca é suficiente. E você não faz nada além de passear!”

“Erro seu, companheiro. Passei quatro ou cinco semanas no hospital em Neustadt, e lá eles não seguram ninguém por mais tempo do que o realmente necessário — e também não há quem deseje estender sua estadia. Os caminhos do Senhor são misteriosos, amigo Schlotterbeck.”

“Ah, pare com esses ditados!”

“Você não é mais religioso? Estou tentando me tornar e por isso vim te visitar. Como funciona isso, meu velho?”

“Não me aborreça com essa história de religiosidade! No hospital, você disse? Sinto muito por isso.”

“Não se preocupe, já passou. E agora me conte: qual é o caso do Eclesiastes e do Apocalipse? Sabe, no hospital tive muito tempo livre, e havia lá uma Bíblia, então a li quase toda, e agora posso conversar melhor sobre isso. É um livro curioso, a Bíblia.”

“Você tem razão. Curioso, e metade deve ser mentira, porque nada faz sentido. Talvez você compreenda melhor, afinal frequentou a escola de latim.”

“Não guardei muita coisa desse tempo.”

“Veja, Knulp...” O alfaiate cuspiu pela janela aberta em direção à profundidade abaixo, que encarou com olhos grandes e um rosto amargurado. “Veja, Knulp, a religiosidade não traz nada. Não traz nada e eu não dou a mínima para isso, sabe? Não dou a mínima!”

O andarilho olhou para ele pensativo.

“Está bem, está bem. Você já disse o bastante, companheiro. Mas me parece que na Bíblia há coisas muito sensatas.”

“Sim, e quando você folheia uma parte e vai mais adiante, então sempre acha o contrário em algum lugar. Não, eu estou farto daquilo, para mim chega.”

Knulp estava de pé e havia pegado um ferro de passar.

“Você poderia me dar um pouco de carvão?”, pediu ao mestre.

“E para quê?”

“Quero passar meu colete, sabe, e também seria bom passar o chapéu depois dessa chuva.”

“Sempre elegante!”, exclamou Schlotterbeck, levemente irritado. “Por que você precisa ser tão fino quanto um conde se não passa de um morto de fome?”

Knulp sorriu em silêncio. “Meu aspecto fica melhor e me deixa contente. Se você não quer fazer isso por piedade, então faça apenas para ser simpático e agradar um velho amigo, pode ser?”

O alfaiate saiu pela porta e logo retornou com o ferro quente.

“Está ótimo”, elogiou Knulp, “muito obrigado!”

Começou a passar com cuidado a aba de seu chapéu de feltro, mas, como não era tão habilidoso com o ferro quanto com a agulha, o amigo lhe tomou o objeto da mão e fez ele mesmo o trabalho.

“Fico muito contente”, disse Knulp, agradecido. “Voltou a ser um chapéu de domingo. Mas olhe, alfaiate, você está esperando muito da Bíblia. Na minha opinião, cada um deve decidir por si o que é verdade e como deve levar sua vida, não se aprende isso em nenhum livro. A Bíblia é antiga, e antigamente não se sabiam muitas coisas que hoje sabemos e conhecemos; mas é justamente por isso que há muita beleza e virtude nela, assim como muita verdade. Em algumas passagens, me pareceu um belo livro ilustrado, sabe? Como aquela moça, Rute, que atravessa o campo e recolhe as espigas caídas, isso é lindo, podemos sentir um maravilhoso calor de verão ali, ou como o Salvador se senta com as criancinhas e pensa: vocês me são muito mais caras que os adultos, com sua arrogância! Eu concordo com isso e acho que podemos aprender com Ele.”

“Sim, de fato”, admitiu Schlotterbeck, mas não queria dar razão a Knulp. “Porém é mais fácil falar sobre os filhos dos outros do que ter cinco crianças e não saber como alimentá-las.”

Ele voltara a ficar contrariado e amargo, e Knulp não aguentava vê-lo assim. Queria lhe dizer algo de bom antes de partir. Ponderou por um instante, então se inclinou para o alfaiate, olhou com seus olhos claros para o rosto do homem, bem de perto e com sinceridade, e disse baixinho: “Sim, mas você não tem amor pelos seus filhos?”

O alfaiate ergueu os olhos, horrorizado. “Mas é óbvio, o que você está pensando! É claro que eu os amo, sobretudo o mais velho.”

Knulp assentiu com grande seriedade.

“É hora de partir, Schlotterbeck, e lhe agradeço muito. O colete agora vale o dobro. Mas você precisa ser amoroso e brincalhão com seus filhos, isso já é boa parte do alimento e da bebida para eles. Preste atenção, vou lhe dizer algo que ninguém sabe e que você não precisa passar adiante.”

O mestre olhou atento e vencido para os olhos claros de Knulp, que haviam se tornado muito sérios. Ele agora falava tão baixo que o alfaiate precisava se esforçar para compreendê-lo.

“Olhe pra mim! Você me inveja e pensa: a vida dele é fácil, sem família e sem preocupações! Mas não é nada disso. Eu tenho um filho, imagine, um garotinho de dois anos, que foi acolhido por estranhos, porque não sabem quem é seu pai e porque a mãe morreu ao dar à luz. Você não precisa saber em que cidade ele mora, mas eu sei e, quando estou lá, passo pela casa, fico na cerca e espero, e quando tenho sorte vejo o menininho, mas não posso lhe estender a mão ou lhe dar um beijo, o máximo que posso fazer é assobiar

algo quando passo por ele. Sim, assim são as coisas. E agora *adieu* e fique feliz por ter filhos!”

Knulp continuou seu passeio pela cidade, parando para conversar um pouco na janela da oficina de um torneiro, observando o movimento ligeiro das lascas encaracoladas de madeira. Também cumprimentou, no caminho, o oficial de polícia que lhe tinha em alta conta e lhe ofereceu sua caixinha de bétula com rapé para cheirar. Por todo lugar que passava, ouvia os grandes e pequenos acontecimentos da vida das famílias e dos ofícios. Soube da morte precoce da esposa do contador municipal e de como o filho do prefeito era rebelde, e em troca contava as novidades de outros lugares e se alegrava com os laços tênues e alegres que o ligavam, enquanto conhecido, amigo e confidente, à vida das pessoas sedentárias e honradas daqui e de acolá. Era sábado e, à porta de uma cervejaria, ele perguntou aos aprendizes de tanoeiro onde havia um lugar para dançar naquela noite e na seguinte.

Havia muitos, mas o melhor era no Leuen, em Gertelfingen, a apenas meia hora dali. Era lá, decidiu, que iria com Bärbele, da casa vizinha.

Era quase meio-dia e, ao subir as escadas da casa de Rothfuss, Knulp sentiu um cheiro forte e agradável vindo da cozinha. Ele se deteve e, com as narinas sensíveis, inspirou aquele bálsamo com curiosidade e prazer juvenil. Porém, apesar de quase não ter feito barulho ao chegar, já era possível escutá-lo. A mulher do mestre abriu a porta da cozinha e parou com um jeito amistoso no acesso iluminado, em meio a uma nuvem de vapor e temperos.

“Olá, sr. Knulp”, ela disse, afetuosa, “que bom que o senhor chegou mais cedo. É que hoje teremos bolinhos de fígado, sabe, e pensei que eu poderia fritar um bife de fígado à parte para o senhor, se for do seu agrado. O que acha?”

Knulp coçou a barba e fez um gesto cavalheiresco.

“Sim, mas por que eu deveria ganhar algo especial? Estou mais do que feliz com uma sopa.”

“Bobagem, quando se esteve doente, é preciso ser bem cuidado, ou como vai recuperar as forças? Mas talvez o senhor não goste de fígado? Há quem não aprecie.”

Ele sorriu com modéstia.

“Oh, não sou um desses. Um prato com bolinhos de fígado é uma refeição de domingo, e se eu pudesse comer isso todos os domingos da minha vida, ficaria muito satisfeito.”

“Na nossa casa nada lhe faltará. Para isso se aprende a cozinhar! Basta dizer, há um bife de fígado a mais que guardei para o senhor, e lhe faria bem.”

Ela se aproximou do rosto dele com um sorrisinho encorajador. Ele entendeu muito bem o que ela queria, e se tratava de uma mulher bastante formosa, mas fingiu não perceber. Brincou com seu belo chapéu de feltro, que o pobre alfaiate havia engomado, e olhou para o lado.

“Obrigado, senhora, muito obrigado pela sua bondade. Mas eu realmente prefiro os bolinhos de fígado. Já fui mimado demais por vocês.”

Ela sorriu e o ameaçou com o dedo indicador.

“Não precisa se fazer de tímido, o senhor não me convence. Então, bolinhos! E recheados com cebola, que tal?”

“Nesse caso, não posso recusar.”

Ela se voltou atarefada para o fogão e ele foi sentar na sala, onde a mesa já estava posta. Ficou lendo o jornal do dia anterior até o mestre entrar e a sopa ser servida. Comeram e, depois da refeição, jogaram cartas a três por uns quinze minutos, durante os quais Knulp surpreendeu sua anfitriã com alguns truques novos, ousados e graciosos. Também conseguia embaralhar as cartas com uma negligência brincalhona e, rápido como um raio, ordená-las. Jogava sua carta na mesa com elegância e, de vez em quando, passava o polegar pelas bordas. O mestre via aquilo com admiração e indulgência, como um cidadão trabalhador se deixa encantar pelas artes que não dão nenhum dinheiro. A esposa, no entanto, observava com o interesse de uma conhecedora esses sinais de uma arte de viver cosmopolita. Seu olhar pousava atentamente nas mãos longas e delicadas de Knulp, intocadas por qualquer tipo de trabalho pesado.

Um raio de sol fino e incerto fluía através das vidraças pequenas para a sala, por sobre a mesa e as cartas, brincava errático e impotente com as sombras pálidas no chão e tremia em círculos no teto azul desbotado. Knulp percebeu tudo com um brilho nos olhos: o brincar do sol de fevereiro, a paz tranquila da casa, o rosto de artesão sério e trabalhador de seu amigo e os olhares velados da bela mulher. Aquilo não era bom, não era o seu objetivo, tampouco lhe trazia felicidade. Se eu estivesse com saúde, pensou, e se fosse verão, não ficaria nem mais uma hora aqui.

“Quero pegar um pouco de sol”, ele disse, quando Rothfuss juntou as cartas e olhou para o relógio. Desceu as escadas com o mestre, deixou-o no galpão de secagem com as peles e se perdeu pelo gramadinho descuidado

que, entremeado pelas poças de curtir o couro, ia até o riacho. Lá, o peliceiro havia construído um pequeno píer para lavar suas peles. Knulp sentou-se ali, deixando os pés penderem sobre a água que corria silenciosa e rápida, olhando com prazer os peixes escuros e ligeiros que escapavam por debaixo dele, e então começou a estudar o entorno com curiosidade, pois procurava uma oportunidade de falar com a criada da casa em frente.

Eram jardins contíguos, separados apenas por uma cerca malconservada de ripas, e na parte que antes ficava dentro d'água, onde os mourões havia muito tinham apodrecido e desaparecido, era possível passar sem esforço de um terreno ao outro. O jardim do vizinho parecia ser cuidado com muito mais zelo que o gramado sáfaro do peliceiro. Viam-se quatro fileiras de canteiros, cobertas de grama e afundadas, como costumam ficar depois do inverno, algumas alfaces e um espinafre hibernado cresciam escassamente em duas margens, as roseirinhas estavam voltadas para o chão, com as copas enterradas. Mais adiante, encobrimdo a casa, viam-se alguns pinheiros formosos.

Knulp caminhou silencioso em direção aos pinheiros, depois de estudar com cautela o jardim desconhecido. Avistou a casa por entre as árvores, com a cozinha aos fundos, e não precisou esperar muito para ver a moça com as mangas arregaçadas, trabalhando na cozinha. A dona da casa estava junto e tinha muito a mandar e a ensinar, como fazem as mulheres que, sem querer pagar empregadas experientes, trocam todo ano de aprendiz e lhes fazem mil elogios depois que deixam a casa. Porém o tom com que instruía e apontava as falhas não tinha malícia, e a jovem já parecia acostumada, pois fazia seu trabalho despreocupada e com uma expressão suave.

O intruso encostou-se a um tronco com a cabeça erguida, curioso e vigilante como um caçador, ouvindo com a paciência serena de um homem cujo tempo vale pouco e que aprendeu a aproveitar a vida como espectador e ouvinte. Alegrava-se com a visão da moça toda vez em que ela aparecia na janela, e pelo dialeto da dona da casa concluiu que ela também não era de Lächstetten, e sim de algum lugar mais acima no vale. Enquanto mastigava um galho perfumado de pinheiro, escutou em silêncio por meia hora, e depois uma hora inteira, até que a mulher desapareceu e tudo ficou quieto na cozinha.

Ainda esperou um instante, depois se aproximou cauteloso e bateu à janela da cozinha com um galho seco. A criada não escutou. Foi preciso

bater mais duas vezes. Dessa vez ela foi até a janela entreaberta, abriu-a por inteiro e olhou para fora.

“Ora, mas o que faz o senhor aí?”, sussurrou. “Quase que me dá um susto.”

“Longe de mim assustá-la!”, disse Knulp e sorriu. “Eu queria apenas lhe cumprimentar e saber como a senhorita está. E, como hoje é sábado, gostaria de perguntar se tem um tempinho livre amanhã à tarde para fazer um passeio.”

Ela o olhou e balançou a cabeça; e então ele fez uma cara tão desconsolada e aflita, que a moça ficou morta de pena.

“Não”, disse amistosa, “amanhã estou ocupada, só tenho tempo para ir à igreja de manhã.”

“Bem”, murmurou Knulp. “Então talvez a senhorita pudesse vir comigo hoje à noite.”

“Hoje à noite? Sim, estou livre, mas quero escrever uma carta ao pessoal lá de casa.”

“Oh, mas a senhorita pode fazer isso uma hora mais tarde, a carta não será enviada esta noite. Veja, fiquei tão contente em podermos conversar um pouquinho novamente, e esta noite, se não cair uma chuvarada, poderíamos fazer um passeio. Vamos, seja boazinha, não precisa ter medo de mim!”

“Não tenho medo de nada, muito menos do senhor. Mas não irei. Se me virem passeando com um homem por aí...”

“Mas, Bärbele, ninguém a conhece aqui. E, na verdade, isso não é nenhum pecado nem é da conta de ninguém. A senhorita não é mais uma garotinha, não é mesmo? Em todo caso, não se esqueça de que estarei às oito horas no ginásio de esportes, lá onde ficam as barracas do mercado de gado. Ou devo chegar mais cedo? Posso fazê-lo.”

“Não, não, mais cedo, não. Aliás, o senhor nem precisa ir, não vai dar, eu não devo...”

Ele fez de novo a cara de menino entristecido.

“Bem, se a senhorita realmente não quer...”, disse com tristeza. “É que, como a moça não é daqui e está sozinha, às vezes com saudades de casa, e eu também, pensei que poderíamos conversar um pouco. Eu gostaria de ouvir mais sobre Achthausen, até porque já estive lá uma vez. Mas, claro, não posso obrigá-la a nada e não quero que se ofenda.”

“Imagine, me ofender! Eu apenas não posso.”

“A senhorita está livre esta noite, Bärbele. Apenas não quer ir. Mas talvez ainda possa pensar no assunto. Preciso ir agora. À noite estarei no ginásio, esperando, e caso ninguém apareça, passearei sozinho e pensarei na senhorita escrevendo para os seus em Achthausen. Bem, *adieu* e não me leve a mal!”

Ele fez um rápido aceno com a cabeça e partiu, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. A moça o viu desaparecer atrás das árvores, e em seu rosto ficou uma expressão confusa. Então retornou ao trabalho e, de repente, pôs-se a cantar em alto e bom som: a patroa havia saído.

Knulp a escutou. Sentara-se de novo no píer do mestre peliceiro e fazia bolinhas de um pedaço de pão que havia recolhido da mesa e guardado para si. Deixava as bolinhas de pão caírem com cuidado na água, uma após a outra, e observava pensativo como elas afundavam, levadas um pouco pela correnteza, e como eram abocanhadas pelos peixes silenciosos e fantasmagóricos do fundo escuro do rio.

“Bem”, disse o mestre peliceiro, durante no jantar, “é sábado à noite, e você não imagina como isso é bom depois de uma semana toda de trabalho.”

“Oh, eu posso imaginar”, sorriu Knulp, e a senhora também sorriu e o olhou com malícia no rosto.

“Esta noite”, continuou Rothfuss em tom festivo, “esta noite beberemos um bom jarro de cerveja juntos, minha patroa vai buscar um para nós, não é? E, amanhã, se fizer bom tempo, faremos os três uma excursão. O que acha, amigo velho?”

Knulp deu um tapa vigoroso no ombro do amigo.

“Você me trata muito bem, é preciso dizer, e já estou animado para essa excursão. Esta noite, porém, já tenho compromisso. Um amigo meu está aqui e preciso encontrá-lo. Ele trabalhou na ferraria que fica ali no alto e já viaja amanhã... Sim, lamento muito, mas amanhã passaremos o dia todo juntos, de outro modo eu não teria me comprometido.”

“Você não vai sair andando por aí à noite quando ainda nem está recuperado.”

“Ora, que nada, não se pode ser tão mimado assim. Eu não volto tarde. Onde você esconde a chave, para que eu possa entrar?”

“Você é um teimoso, Knulp. Pois bem, vá. A chave você encontra atrás da persiana do porão. Você sabe onde fica?”

“Sim. Então agora vou. Já para cama, não me esperem acordados! Boa noite. Boa noite, senhora.”

Ele saiu, e, quando já estava embaixo, na porta da casa, a mulher do mestre apareceu correndo atrás dele. Trazia um guarda-chuva, Knulp deveria levá-lo, quisesse ou não.

“O senhor precisa se cuidar, Knulp”, ela disse. “E agora quero lhe mostrar onde vai encontrar a chave mais tarde.”

Ela tomou sua mão no escuro e o conduziu para a lateral da casa, parando diante de uma janelinha que estava fechada por uma persiana de madeira.

“Deixamos a chave atrás da persiana”, ela explicou, excitada, sussurrando e acariciando a mão de Knulp. “O senhor só precisa alcançá-la pela abertura, fica sobre o peitoril da janela.”

“Sim, obrigado”, disse Knulp, constrangido, e recolheu a mão.

“Devo guardar uma cerveja para quando o senhor voltar?”, ela continuou, e pressionou de leve seu corpo contra o dele.

“Não, obrigado. Eu não costumo beber. Boa noite, sra. Rothfuss, e muito obrigado.”

“O senhor está com pressa?”, sussurrou afetuosa, apertando-lhe de leve o braço. Seu rosto estava agora bem diante do dele, e, naquele silêncio constrangedor, para não ter de repeli-la de modo violento, Knulp passou a mão pelo cabelo da mulher.

“Mas agora devo partir”, disse, com uma voz subitamente alta demais, e se retirou.

Ela sorriu com a boca entreaberta, e ele pôde ver seus dentes brilharem no escuro. Depois disse bem baixinho: “Espero você voltar. Você é um amor”.

Ele saiu ligeiro pela rua escura, o guarda-chuva debaixo do braço, e na esquina seguinte, para dominar aquela ansiedade tola, começou a assobiar. Eis a canção:

*Pensa que vou desposá-la
Mas não é essa minha intenção
Terei vergonha dos seus
Se os encontrar em algum salão*

O ar estava cálido, e aqui e ali surgiam estrelas no céu negro. Em uma hospedaria, jovens barulhentos antecipavam o domingo, e ele viu pelas janelas da nova pista de boliche do Pfauen um grupo de senhores burgueses em mangas de camisa, de bola na mão e charuto na boca.

Na altura do ginásio, Knulp se deteve e olhou ao redor. O vento úmido cantava baixinho nas castanheiras desnudas, o rio corria inaudível na

escuridão profunda e refletia apenas algumas janelas iluminadas. A noite amena fez o andarilho se sentir pleno. Respirava profundamente e adivinhava a primavera, o calor, as ruas de novo secas e a peregrinação. Sua memória incansável escrutinava a cidade, o vale do rio e todo o entorno. Já conhecia tudo, as ruas e as trilhas, aldeias, povoados, fazendas, e sabia onde encontrar um abrigo generoso para passar a noite. Pensou bastante e traçou um plano para sua próxima peregrinação, pois já não podia ficar em Lächstetten. Queria apenas fazer um agrado ao amigo e passar o domingo ali, se a esposa não dificultasse demais as coisas.

Talvez, pensou, devesse ter dado alguma pista ao peliceiro sobre sua esposa. Mas não gostava de se meter nos assuntos alheios, e não tinha nenhuma necessidade de ajudar as pessoas a serem melhores ou mais inteligentes. Knulp lamentava muito que as coisas tivessem ocorrido daquele jeito e não nutria nenhuma simpatia pela antiga garçonete da Ochsen; mas, de certa forma, era irônico pensar no discurso orgulhoso de Rothfuss sobre as alegrias da vida doméstica e do casamento. Ele conhecia aquilo, quando alguém muito se vangloria e canta loas sobre sua felicidade e virtude, costuma não haver nada ali — foi o mesmo que acontecera com a história da religiosidade do alfaiate. Podemos observar a estupidez das pessoas, podemos rir delas ou sentir compaixão, mas é preciso deixar que sigam seu caminho.

Com um suspiro pensativo, deixou essas preocupações de lado. Apoiou-se na cavidade de uma velha castanheira diante da ponte e continuou pensando nas suas andanças. Gostaria de passar pela Floresta Negra, mas na parte alta estava frio e provavelmente ainda havia muita neve, as botas se estragavam e as pousadas para dormir eram distantes umas das outras. Não, não era isso, ele tinha de continuar pelos vales e se ater às cidades. O Hirschenmühle, quatro horas rio abaixo, era o primeiro porto seguro. Decerto o deixariam passar um ou dois dias por lá, em caso de mau tempo.

Knulp estava tão perdido em pensamentos que mal se lembrava de estar à espera de alguém. Nisso surgiu na escuridão e na corrente de ar sobre a ponte uma forma pequena e amedrontada que se aproximou hesitante. Ele a reconheceu de imediato, correu alegre e agradecido em sua direção, abanando o chapéu.

“Que bom que veio, Bärbele, eu já tinha perdido as esperanças.”

Ele andava à esquerda da moça, conduzindo-a pela alameda que margeava o rio. Ela estava tímida e envergonhada.

“Isso não está certo”, ela disse repetidas vezes. “E se formos vistos por alguém!”

Mas Knulp tinha muitas perguntas a fazer e logo os passos da garota ficaram mais calmos e constantes, até ela por fim caminhar ao lado dele como uma velha camarada, leve e cheia de vida, e, motivada por suas perguntas e interjeições, contava com fervor e paixão sobre sua terra, falava do pai e da mãe, do irmão e da vovó, dos patos e das galinhas, das geadas e das doenças, dos casamentos e das festas da igreja. Abriu o pequeno tesouro de suas vivências, e ele era maior do que ela mesma teria imaginado. Por fim, veio a história de sua contratação e a despedida de casa, e ela seguiu falando de seu serviço atual e de como era a casa de seus patrões.

Já estavam bem distantes da cidadezinha, sem que Bärbele tivesse prestado atenção ao caminho. Aquela conversa a libertava de uma semana longa e terrível de estranhamento, silêncio e transigência, e agora ela estava alegre.

“Mas onde estamos?”, disse de repente, espantada. “Afinal, aonde estamos indo?”

“Se a senhorita estiver de acordo, vamos para Gertelfingen. Estamos quase chegando.”

“Gertelfingen? O que faremos lá? Seria melhor voltar, vai ficar tarde.”

“A que horas precisa estar em casa, Bärbele?”

“Por volta das dez, logo mais. Foi um ótimo passeio.”

“Ainda falta muito para as dez”, disse Knulp, “garanto que estará em casa no horário. Mas, como nunca mais seremos tão jovens como agora, poderíamos arriscar uma dança juntos hoje. Ou a senhorita não gosta de dançar?”

Ela o olhou com espanto e maravilha.

“Oh, sempre gosto de dançar. Mas onde? Aqui fora, no meio da noite?”

“Saiba que estamos quase em Gertelfingen e há música no Löwen hoje. Podemos ir até lá, nem que seja para uma única dança, depois voltamos para casa e teremos passado uma excelente noite.”

Bärbele ficou parada, em dúvida sobre o que fazer.

“Seria divertido”, disse devagar. “Mas o que pensariam de nós? Não quero que pensem mal de mim, e também não quero que pensem que nós dois estamos juntos.”

De repente, riu cheia de alegria e disse: “Sabe, quando mais tarde eu quiser um namorado, não há de ser um peliceiro. Não quero ofendê-lo, mas o

ofício de curtidor não é muito limpo.”

“Talvez a senhorita tenha razão”, Knulp disse, docilmente. “Também não é o caso de se casar comigo. Mas ninguém sabe que sou peliceiro e que a moça é tão orgulhosa; além disso, lavei bem as mãos, então, se quiser dançar comigo, está convidada. De outro modo, voltamos para casa.”

Viram a primeira casa da aldeia aparecer no meio da noite, surgindo de detrás da folhagem com um telhado pálido, e Knulp de repente fez “shh!” e levantou o dedo. Então ouviram o som de uma música dançante que vinha do vilarejo, um acordeão e um violino.

“Está bem!”, a garota riu, e se apressaram.

No Löwen dançavam apenas quatro ou cinco casais, pessoas jovens e barulhentas que Knulp não conhecia. A atmosfera era tranquila e civilizada, ninguém incomodou o casal estrangeiro, que aderiu à dança seguinte. Participaram de uma dança regional e de uma polca, depois veio uma valsa, que Bärbele não sabia dançar. Então assistiram e beberam uma cerveja, que era tudo que o orçamento de Knulp permitia.

A dança deixara Bärbele encalorada, e seus olhos brilhavam observando a pequena sala.

“Agora é hora de voltar para casa”, disse Knulp, quando eram nove e meia.

Ela se surpreendeu e pareceu um pouco triste.

“Ah, que pena!”, disse baixinho.

“Podemos ficar mais um pouco.”

“Não, preciso voltar para casa. Foi muito agradável.”

Eles saíram, mas, ao passar pela porta, a moça se deu conta: “Não demos nada aos músicos”.

“É”, disse Knulp, um pouco constrangido. “Eles bem mereciam uma gorjeta. Mas infelizmente não tenho nada comigo.”

Solícita, ela tirou sua carteirinha de crochê do bolso.

“Por que o senhor não disse nada? Aqui está uma moeda de vinte, entregue a eles!”

Ele pegou a moeda e levou até os músicos, então partiram. Tiveram de esperar um momento diante da porta, até que conseguiram enxergar o caminho na escuridão profunda. O vento estava mais forte e trazia algumas gotas de chuva.

“Devo abrir o guarda-chuva?”, perguntou Knulp.

“Não, com esse vento não conseguiremos ir muito longe. Foi ótimo lá dentro. Você é quase um dançarino profissional, peliceiro.”

Ela seguia tagarelando alegremente. Seu amigo, no entanto, agora ficara silencioso, talvez porque estivesse cansado, talvez porque temesse o iminente adeus.

De repente, ela começou a cantar: “Ora pasto no Neckar, ora pasto no Reno”. A voz soava morna e pura e, no segundo verso, Knulp a acompanhou, fazendo a segunda voz de modo tão convicto, profundo e belo que ela teve prazer em escutar.

“Então, a saudade de casa passou?”, ele perguntou ao fim.

“Ah, sim”, ela sorriu luminosa. “Precisamos fazer outro passeio desses.”

“Lamento”, ele respondeu mais baixo. “Este terá de ser o último.”

Ela ficou parada. Não havia escutado muito bem, mas percebera o tom entristecido das palavras dele.

“Mas o que houve?”, perguntou levemente alarmada. “O senhor tem algo contra mim?”

“Não, Bärbele. Mas amanhã devo partir, eu pedi as contas.”

“Mas não diga! É verdade? Sinto muito.”

“Não precisa sentir pena de mim. Eu não ficaria muito tempo, de todo modo, e sou apenas um curtidor. Logo a senhorita arranja um namorado, um belo namorado, e verá que nunca mais sentirá saudades de casa.”

“Ah, não fale assim! O senhor sabe que lhe quero muito bem, mesmo que não seja meu namorado.”

Os dois se calaram, o vento lhes soprava no rosto. Knulp caminhava devagar. Já estavam perto da ponte. De repente, ele parou.

“Agora quero me despedir, é melhor, a senhorita deve fazer o trecho final do caminho sozinha.”

Bärbele o olhou com sincero pesar no rosto.

“É verdade? Então também quero agradecer ao senhor. Não quero me esquecer. E lhe desejo tudo de bom!”

Ele a tomou pela mão e a aproximou de si, e enquanto ela olhava seus olhos, temerosa e maravilhada, Knulp segurou sua cabeça com as tranças úmidas de chuva entre as mãos, e disse, sussurrando: “*Adieu*, Bärbele. E, agora, de despedida, quero um beijo seu, para que não se esqueça totalmente de mim”.

A moça relutou um pouco e se afastou, mas o olhar dele era bondoso e triste, e ela reparou pela primeira vez como eram bonitos os seus olhos. Sem

fechar os seus, recebeu o beijo com seriedade, e como ele hesitava com um sorriso débil, ela sentiu as lágrimas virem aos olhos e lhe devolveu o beijo efusivamente.

Então a moça se afastou depressa e já estava sobre a ponte quando de repente se virou e voltou. Ele permanecia no mesmo lugar.

“O que foi, Bärbele?”, perguntou Knulp. “Você deve ir para casa.”

“Sim, sim, já vou. O senhor não deve pensar mal de mim!”

“Eu certamente não penso.”

“E como é isso, peliceiro? O senhor não disse que não tem mais nenhum dinheiro? Não vai receber mais nada antes de partir?”

“Não, não receberei mais salário. Mas não tem problema, eu vou me arranjar, a senhora não precisa se preocupar.”

“Não, não! O senhor precisa ter alguma coisa no bolso. Aqui!”

Ela lhe estendeu a mão com uma grande moeda. Ele intuiu que fosse um táler.

“Um dia o senhor me devolve.”

Ele retirou a mão.

“De modo algum. Não lide assim com seu dinheirinho! Isso é um táler, uma moeda de prata. Guarde de volta! Vamos, faça isso! Muito bem, é preciso ser razoável. Se a senhora tiver algum trocado menor, uma moedinha de cinquenta ou algo assim, aceito de bom grado, porque realmente estou precisando. Mas não mais que isso.”

Discutiram mais um pouco e Bärbele precisou mostrar a bolsa, porque ela continuava a dizer que não tinha nada além do táler. Mas não era verdade, havia ali também um marco e uma moedinha prateada de vinte, ainda válida na época. Ele queria essa, mas ela achava que era muito pouco, então ele não quis aceitar mais nada, queria apenas seguir adiante, mas por fim ficou com o marco, e ela tomou o rumo de casa num trote.

No caminho, não parava de pensar por que ele não a havia beijado mais uma vez. Ora lastimava aquilo, ora lhe parecia uma prova de gentileza e decência, e acabou se decidindo por essa última.

Knulp só voltou para casa mais de uma hora depois. Viu que na sala ainda queimava uma luz, portanto a esposa do mestre ainda devia estar sentada à espera dele. Cuspiu com raiva e esteve a ponto de ir embora dali, ainda que fosse noite alta. Porém estava cansado, ameaçava chover e ele não queria decepcionar Rothfuss. Além disso, ainda tinha vontade de pregar uma pequena peça.

Assim, pegou a chave no esconderijo, abriu a porta da casa com o cuidado de um ladrão, fechou-a atrás de si, trancando-a com os lábios apertados, sem emitir qualquer ruído, e devolveu a chave ao lugar original. Então, com os sapatos na mão, subiu a escada de meias. Viu uma luz por uma fresta da porta da sala e dali escutou a respiração profunda da esposa do mestre que, com a longa espera, adormecera no canapé. Subiu em silêncio para o quarto, fechou-o bem por dentro e foi para a cama. Mas amanhã, estava decidido, ele pegaria a estrada.

Minhas memórias de Knulp

Estávamos no meio dos anos alegres da juventude, e Knulp ainda vivia. Nessa época, ele e eu viajavamos por uma região fértil durante um verão tórrido e tínhamos poucas preocupações. De dia vagávamos pelos campos amarelos de trigo, deitávamos sob o frescor de uma nogueira ou às margens de uma floresta; à noite eu escutava Knulp contar histórias aos camponeses, fazer brincadeiras de sombras para as crianças e cantar para as moças as suas muitas canções. Eu ouvia tudo com prazer e sem invejá-lo. Mas quando ele ficava entre as garotas e seu rosto moreno se iluminava, as jovens, apesar de rirem muito e de debocharem de Knulp, não lhe tiravam os olhos, e era apenas ali que, às vezes, me parecia que ele era um raro pássaro de sorte — ou eu, no caso, o contrário disso —, então eu costumava me afastar, para não ficar sobrando, e ia ou cumprimentar o vigário em seu alojamento ou atrás de uma conversa noturna e um lugar para dormir, ou me sentava na hospedaria para tomar um vinho tranquilo.

Uma tarde, recordo-me, passamos por um cemitério com uma capelinha que jazia abandonado entre os campos, bem distante da aldeia seguinte. Com seus arbustos escuros despontando acima do muro, parecia descansar em paz e acolhido naquela terra quente. Havia duas grandes castanheiras no portão de entrada, o qual, no entanto, estava trancado, e eu quis seguir adiante. Mas Knulp não queria e se meteu a escalar o muro.

Perguntei: “Já quer descansar?”.

“Sim, sim, ou começam a me doer as solas dos pés.”

“Certo, mas precisa mesmo ser num cemitério?”

“Sem dúvida, venha comigo. Os camponeses não se permitem muita coisa, sei bem, mas debaixo da terra eles querem do bom e do melhor. Por isso não medem esforços e plantam o que há de mais nobre sobre os túmulos e seus arredores.”

Assim, também me ergui e vi que ele tinha razão, valia a pena pular a muretinha. Lá dentro, os túmulos estendiam-se lado a lado em fileiras retas ou mais tortas, a maioria com uma cruz de madeira branca, e por toda parte se viam o verde e o colorido das flores. Gerânios e glórias-da-manhã reluziam alegremente, goivos amarelos tardios ainda se escondiam nas

sombras mais profundas, roseiras pendiam cheias de rosas, e viam-se lilases e sabugueiros de tronco e folhagem robustos.

Observamos tudo por um momento e nos sentamos sobre a grama, que em algumas partes era alta e florida; descansamos e nos sentimos mais frescos e satisfeitos.

Knulp leu o nome na cruz mais próxima e disse: “Ele se chamava Engelbert Auer e viveu mais de sessenta anos. Por isso agora jaz tranquilo sob resedás, uma flor magnífica. Também gostaria de ter resedás um dia, mas por ora levarei uma dessas comigo”.

Eu disse: “Deixe-as e pegue outra flor, as resedás logo murcham”.

Knulp pegou uma mesmo assim e a prendeu em seu chapéu, que estava ao seu lado sobre a grama.

“Que maravilha esse silêncio!”, eu disse.

E ele: “Sim, é mesmo. E se ficasse um pouco mais silencioso, poderíamos ouvir a conversa das pessoas aqui embaixo.”

“Isso não. Esses já não têm nada a dizer.”

“Quem sabe? Sempre dizem que a morte é como um sono, e durante o sono é comum falar, e até cantar!”

“Talvez você faça isso.”

“Sim, por que não? E quando eu estiver morto, esperarei os domingos, quando as moças passam por aqui e entram para arrancar uma florzinha de um túmulo, então cantarei bem baixinho.”

“Ah, sim? E o que cantaria?”

“O quê? Uma canção qualquer.”

Esticou-se no chão, fechou os olhos e logo começou a cantar com uma voz de criança, baixinho:

*Porque morri cedo demais,
Agora cante, jovem senhorita,
Uma canção de despedida.
Quando eu voltar à vida,
Quando eu voltar à vida,
Serei um belo rapaz.*

Não puder evitar minha risada, ainda que gostasse da música. Ele cantava com uma voz bela e delicada, e se às vezes as palavras não faziam muito sentido, a melodia era realmente ótima e tornava tudo bonito.

“Knulp”, eu disse, “não faça tantas promessas às jovens, ou elas deixarão de te dar ouvidos. Que você irá voltar, pode até ser, mas ninguém sabe ao certo se virá como um belo rapaz, disso não se pode ter certeza.”

“Não é uma certeza, tem razão. Mas eu adoraria. Sabe aquele menininho com a vaca, a quem perguntamos o caminho anteontem? Eu gostaria de voltar a ser como ele. Você não?”

“Não, eu não. Uma vez conheci um homem velho, já tinha mais de setenta anos, e ele tinha um olhar tão bondoso e sereno que me pareceu que as coisas só poderiam ser boas, sábias e tranquilas para ele. Desde então, muitas vezes pensei que me agradaria ser como ele.”

“Sim, mas ainda falta bastante para isso, você sabe. É realmente curioso como funcionam os desejos. Se num piscar de olhos eu apenas precisasse balançar a cabeça para me tornar aquele menininho simpático, e você apenas tivesse de balançar a cabeça para se tornar o velhinho simpático, nenhum de nós faria isso. Preferiríamos permanecer como somos.”

“Isso também é verdade.”

“Exato. E tem outra coisa, veja. Muitas vezes penso: a coisa mais linda e maravilhosa que existe no mundo é uma jovem senhorita, esbelta, com o cabelo loiro. Mas não é verdade, pois acontece muito de as morenas serem ainda mais belas. Além disso, às vezes me parece também que a coisa mais linda e maravilhosa é um pássaro bonito que vemos planar livremente nas alturas. E, em outras vezes, nada é tão extraordinário quanto uma borboleta, por exemplo, uma borboleta branca com manchas vermelhas nas asas, ou um raio de sol nas nuvens à tardinha, quando tudo brilha sem ofuscar, e tudo parece tão feliz e inocente.”

“Tem toda razão, Knulp. De fato, tudo pode ser belo se visto no momento certo.”

“Sim, mas penso de outra forma. Penso que o mais belo é quando, além do deleite, se pode sentir também o pesar ou o medo.”

“Como assim?”

“Desse jeito: uma moça bonita talvez não lhe parecesse tão fabulosa se você não soubesse que ela está em seu momento de esplendor, mas logo vai envelhecer e morrer. Se algo formoso permanecesse igual por toda a eternidade, eu me daria por satisfeito, mas analisaria com frieza, pensando: você poderá ver isso sempre, não precisa ser hoje. Por outro lado, se contemplo agora o que é perecível e não consegue se manter igual, não sinto apenas alegria, mas também compaixão.”

“Claro.”

“Por isso, nada pode ser mais extraordinário do que ver fogos de artifício à noite por aí. Bolas de luz azuis e verdes que sobem pela escuridão e, no momento do auge de sua beleza, fazem uma pequena curva e acabam. E quando se contempla isso, vive-se a alegria e, ao mesmo tempo, o medo: logo vai acabar de novo, e isso faz parte, e é ainda mais belo do que se durasse muito. Não?”

“Sim, é claro. Mas isso não funciona para tudo.”

“Por que não?”

“Por exemplo, quando duas pessoas se gostam e se casam, ou quando se faz amizade com alguém, isso é bom justamente porque é feito para durar e não deve logo ter um fim.”

Knulp me mirou atento, então piscou com seus cílios negros e disse, pensativo: “Estou de acordo. Mas essas coisas também têm um fim, como tudo. Um amor ou uma amizade podem acabar por muitas razões.”

“Tem razão, mas não se pensa nisso até que aconteça.”

“Não sei... Veja, tive dois amores na vida, amores de verdade, digo, e nas duas vezes eu sabia que eles durariam para sempre e só terminariam com a morte — mas nas duas vezes o amor acabou e eu não morri. Também tive um amigo, ainda lá na nossa cidade, e eu não pensava que fôssemos nos separar nesta vida. Mas nos separamos, já faz muito tempo.”

Knulp se calou e eu não soube o que dizer. Essa parte dolorosa, inerente a qualquer relacionamento entre pessoas, eu ainda não tinha vivenciado, e também ainda não descobrira que, não importa quão próximas duas pessoas sejam, entre elas sempre resta um abismo que apenas o amor pode superar — e isso somente por uma passarela precária, construída hora a hora. Ponderei sobre as palavras ditas por meu camarada. O que mais me agradou foi o que ele comentou sobre as bolas de luz, afinal, eu mesmo já havia sentido aquilo algumas vezes. A chama colorida, silenciosa e atraente, que se ergue na escuridão e nela logo mergulha, me parecia um símbolo de todos os prazeres humanos, que, quanto mais belos são, menos satisfazem e mais depressa precisam queimar novamente. Eu também disse isso a Knulp.

Mas ele não se convenceu.

“Sim, sim”, ele disse. Então, depois de um bom tempo, falou com uma voz sufocada: “De nada serve ponderar e ficar se preocupando, as pessoas não agem do mesmo modo que pensam, mas dão cada passo sem refletir, obedecendo ao que manda o coração. Mas com a amizade e o amor, talvez

seja como eu disse. No fim, cada um tem uma coisa muito própria que não pode dividir com ninguém mais. Vê-se isso também quando alguém morre. Chora-se e vive-se o luto por um dia, um mês ou até um ano, mas depois o cidadão está morto e já era, não faria diferença alguma se quem se encontrasse deitado em seu caixão fosse um trabalhador desconhecido e sem pátria.”

“Olhe, não estou de acordo, Knulp. Já falamos muitas vezes sobre isso, que a vida precisa ter um significado e que há, sim, valor naquele que é bom e amável, em vez de mau e hostil. Já pelo que você falou agora, tudo dá na mesma, e poderíamos muito bem roubar e matar.”

“Não, isso não podemos fazer, meu caro. Veja se consegue matar as próximas pessoas que cruzarem nosso caminho! Ou tente dizer a uma borboleta amarela que ela deve ser azul. Ela rirá de você.”

“Também não é o que eu quis dizer. Mas, se tudo dá na mesma, então não faz sentido que se queira ser bom e honesto. Se o azul for tão bom quanto o amarelo e o mal for tão bom quanto o bem, então não existe bondade. Se assim for, então cada um de nós é só um animal na floresta e age conforme sua natureza, sem que existam nem virtude nem culpa.”

Knulp suspirou.

“Mas quem sabe? Talvez seja como você diz. E, justo por isso, nós muitas vezes nos afligimos de uma maneira tão estúpida, pois sentimos que o querer não tem valor algum, e que tudo segue seu caminho sem depender em nada de nós. Porém há sempre alguma culpa, mesmo quando alguém não consegue deixar de ser mau. Pois ele sabe de sua maldade. E é por essa razão que o caminho certo deve ser o do bem, porque ali ficaremos satisfeitos e com a consciência tranquila.”

Vi em seu rosto que já estava farto dessa conversa. Era sempre assim com Knulp, ele começava a filosofar, colocava suas proposições, argumentava a favor e contra si mesmo e de repente parava. De início eu havia pensado que ele se calava diante das minhas respostas ineptas e objeções. Mas não, na verdade ele sentia que sua inclinação para especular lhe conduzia a um território em que seu conhecimento e sua maneira de falar eram insuficientes. Apesar de ter lido muito, Tolstói entre outros, nem sempre podia distinguir muito bem um raciocínio verdadeiro de um falso, e sabia disso. Falava dos homens cultos como uma criança prodígio fala dos adultos: reconhecia que eles tinham mais poder e meios do que ele, mas os

desdenhava por não fazer uso correto disso e não conseguirem resolver nenhum mistério com todo aquele conhecimento.

Agora deitara novamente, com a cabeça sobre as mãos, e fitava o céu azul e quente através da copa negra do sabugueiro, cantarolando para si uma antiga canção popular da região do Reno. Ainda me lembro dos últimos versos:

*Já vesti um casaco carmim,
Agora visto um casaco preto.
Seis, sete anos,
Até que apodreça o meu amor, enfim.*

Ao anoitecer, nos sentamos um diante do outro à beira de um bosque, cada qual com um pedaço grande de pão e metade de uma salsicha, comemos e observamos a noite chegar. Poucos momentos antes, as colinas ainda estavam iluminadas pelo resplendor amarelado do céu crepuscular e se dissolviam na fumaça aveludada e flutuante da luz, porém agora elas haviam se tornado escuras e nítidas, pintando de preto suas árvores, campos e arbustos; no céu ainda se via um pouco do azul-claro do dia, porém bem mais do azul profundo da noite.

Enquanto estava claro, lemos um para o outro coisas engraçadas de um livreto chamado *Acordes do realejo alemão*, que continha canções tolas ilustradas com pequenas gravuras. Aquilo se encerrou com a luz do dia. Quando acabamos de comer, Knulp quis ouvir música, então saquei a gaita do bolso, cheio de migalhas de pão. Limpei o instrumento e toquei um punhado de melodias que sempre escutávamos. A escuridão que nos circundava havia algum tempo já se estendera por toda a paisagem e até o céu perdera seu brilho pálido, deixando as estrelas reluzirem, uma depois da outra, devagar. As notas leves e tênues da nossa gaita voavam em direção ao campo, para logo se perder na distância.

“Não podemos dormir tão cedo”, eu disse a Knulp. “Me conte mais uma história, não precisa nem ser verdadeira, ou então um conto de fadas.”

Knulp refletiu.

“Está certo”, ele disse, “uma história e um conto de fadas, dois em um. É um sonho, na verdade. Sonhei com isso no outono passado e, desde então, mais duas vezes, de maneira muito similar. Eis o que quero te contar:

“Havia uma rua em uma cidadezinha, parecida com a minha, todas as casas tinham o frontão voltado para a rua, mas eram mais altas do que as que

costumamos ver. Eu ia por ali e era como quando, depois de muito, muito tempo, eu finalmente volto pra casa; mas eu sentia apenas uma alegria parcial, pois algo estava errado, e eu não sabia ao certo se estava em um lugar equivocado, um lugar que jamais poderia ser minha terra natal. Algumas esquinas eram exatamente como deveriam ser e eu logo as reconhecia, porém muitas casas pareciam estranhas e inóspitas, e eu também não encontrava a ponte e o caminho para a praça do mercado, passando, em vez disso, por um jardim desconhecido e por uma igreja com duas torres grandes, como em Colônia ou Basileia. No entanto, nossa igreja local não possuía torre alguma, tão somente uma tora curta com um telhado improvisado, pois anos antes haviam se equivocado na construção e não conseguiram terminar a torre.

“O mesmo acontecia com as pessoas. Eu reconhecia sem esforço algumas das que avistava à distância, tinha seus nomes na ponta da língua. Mas então acontecia de entrarem em uma casa ou dobrarem numa rua transversal e, se alguma delas se aproximava e passava por mim, logo se transformava num desconhecido; contudo, quando a mesma pessoa se afastava e eu continuava a acompanhá-la, então me parecia ser, sim, quem eu pensava e que devia conhecê-la. Vi também algumas mulheres diante de uma loja, e até me pareceu que uma delas era minha falecida tia; mas, ao me aproximar, já não as reconheci, e percebi que falavam em um dialeto totalmente estranho, que eu mal podia compreender.

“Por fim, pensei: se ao menos eu pudesse sair dessa cidade, que é e não é meu velho lar. Mas eu seguia correndo ora para uma casa desconhecida, ora em busca de um rosto amigo, e todos acabavam sempre me tomando por louco. Contudo, isso não me deixava irritado ou casmurro, mas simplesmente triste e cheio de angústia; eu quis rezar e me concentrei com toda força, mas só me vinham expressões tolas e inúteis — ‘Prezado senhor’, por exemplo, ou ‘Devido às circunstâncias’. Em minha tristeza e confusão, eram essas coisas que eu murmurava para mim.

“Pareceu-me que isso durou horas e horas, e embora eu me sentisse muito cansado e padecesse com o calor, continuava seguindo aos tropeços, como um autômato. Já era noitinha, e me propus a perguntar ao primeiro que aparecesse onde ficava a pousada ou a estrada mais próxima, mas não conseguia falar, e eles passavam por mim como se eu fosse feito de ar. De tanto cansaço e desespero, pensei que logo estaria em lágrimas.

“Então cheguei à outra esquina e vi diante de mim nossa velha rua, um pouco transformada e ornamentada, é verdade, mas aquilo já não me incomodou mais. Continuei caminhando e reconheci nitidamente uma casa depois da outra, apesar das decorações oníricas, e por fim cheguei à casa onde cresci. Era sobrenaturalmente alta, como as anteriores, mas de resto estava quase igual à dos velhos tempos, e fiquei arrepiado de alegria e alvoroço.

“À porta, porém, encontrava-se o meu primeiro amor. Seu nome era Henriette. Parecia mais alta e de algum modo diferente do que fora um dia, contudo tinha se tornado ainda mais bela. Ao me aproximar, vi que em sua beleza havia algo de milagroso e angelical, mas também notei que seu cabelo era de um loiro bem claro, e não castanho, como o de Henriette; ainda assim era ela, dos pés à cabeça, mesmo que transfigurada.

“‘Henriette!’, gritei e tirei o chapéu, pois ela tinha uma aparência tão distinta e esplêndida, que eu não soube se ela ainda poderia me reconhecer.

“Ela se virou e me olhou nos olhos e, nesse momento, fiquei surpreso e envergonhado, pois aquela não era de modo algum a moça a quem eu havia me dirigido, e sim Lisabeth, meu segundo amor, com quem estive por muito tempo.

“‘Lisabeth!’, então chamei, e lhe estendi a mão.

“Ela me olhou e aquilo me atingiu direto no coração, como se fosse o olhar de Deus, nem severo nem altivo, e sim bastante calmo e nítido, e tão espiritual e superior que me senti como um cachorro. E, ao me olhar, ficou séria e triste, depois balançou a cabeça como se eu tivesse feito uma pergunta indiscreta, não tomou minha mão, mas voltou para casa e fechou a porta atrás de si em silêncio. Pude ouvir o barulho da fechadura.

“Dei meia-volta e parti, e apesar de mal poder enxergar por causa das lágrimas e do pesar, era notável como a cidade voltara a se metamorfosear. Pois agora todas as ruas e todas as casas eram exatamente como antes e o mal-estar desaparecera por completo. Os frontões já não eram tão altos e tinham as mesmas velhas cores, as pessoas eram elas mesmas e me olhavam contentes e surpresas, como se me reconhecessem de novo, e algumas até me chamavam pelo nome. Mas eu não conseguia responder nada, nem ficar parado. Em vez disso, corri com todas as minhas forças por aquele caminho tão familiar, cruzando a ponte e saindo da cidade, vendo tudo com os olhos úmidos e o coração partido. Não sabia por quê, me parecia apenas que tudo

estava perdido para mim e que, envolto pela vergonha, deveria ir embora dali.

“Então, quando já estava distante e precisei parar um pouco sob os álamos, me dei conta de que havia estado em minha cidade, diante da nossa casa, e não pensara nem por um instante no meu pai e na minha mãe, nos meus irmãos e amigos e em todos os outros. Nunca tinha vivenciado tamanha confusão, angústia e vergonha em meu coração. Mas eu não podia voltar e consertar as coisas, então o sonho terminou e despertei.”

Knulp disse: “Cada pessoa tem sua alma e não pode misturá-la à de mais ninguém. Duas pessoas podem se encontrar, conversar e estar próximas uma da outra. Mas suas almas são como flores, cada uma enraizada em seu lugar. Uma não pode ir até a outra, ou arrancaria suas raízes, e isso ela não pode fazer. As flores espalham seu aroma e suas sementes, porque gostariam de estar umas com as outras; mas uma flor não pode fazer nada para que uma semente chegue ao lugar certo, quem o faz é o vento, e este vai e vem a seu bel prazer”.

E depois: “O sonho que te contei talvez tenha o mesmo significado. Que eu saiba, não fiz mal nem a Henriette nem a Lisabeth. Mas como um dia as amei e as quis para mim, as duas se tornaram uma espécie de figura onírica, que se parece com as duas mas não é nenhuma delas. A figura pertence a mim, mas ela já não tem vida. O mesmo precisei pensar muitas vezes sobre os meus pais. Eles acreditam que, por ser seu filho, sou como eles. Mas, apesar de amá-los, também sou um estranho, alguém que eles não conseguem entender. E aquilo que é mais importante em mim, aquilo que talvez seja a minha alma, eles consideram secundário e o atribuem a minha juventude ou a um capricho. E mesmo assim me amam e fariam de tudo por mim. Um filho pode herdar o nariz e os olhos de um pai, e até a inteligência, mas não a alma. Em cada ser humano há uma alma nova”.

Eu não tinha nada a dizer sobre aquilo, pois na época ainda não havia enveredado por tal linha de pensamento nem me sentia inclinado a isso. Não me incomodava ouvir aquelas rumações, elas não me tocavam o coração e eu supunha que também para Knulp eram mais um jogo do que uma batalha. Além disso, era tão agradável e pacato estar ali deitado na grama seca, lado a lado, esperando pela noite e pelo sono, contemplando as primeiras estrelas.

Eu disse: “Knulp, você é um pensador. Deveria ter sido professor”.

Ele riu e balançou a cabeça.

“Seria mais provável eu me juntar ao Exército da Salvação”, ele disse, pensativo.

Aquilo foi demais para mim. “Olhe”, eu disse, “você está de brincadeira! Não vai me dizer que quer virar um santo?”

“Sim, de fato, quero. Toda pessoa que leva seus pensamentos e ações a sério é santa. Se ela pensa que aquilo é o certo, deve fazê-lo. E se um dia eu achar que o certo para mim é integrar o Exército da Salvação, espero poder fazê-lo.”

“Sempre o Exército da Salvação!”

“Isso mesmo. Vou lhe dizer por quê. Já conversei com muitas pessoas e escutei muitos discursos. Ouvi a fala de padres, professores e prefeitos, social-democratas e liberais; mas, no fundo do coração, nenhum deles era sincero. Me parece que, em caso de necessidade, nenhum deles estaria disposto a se sacrificar por seu conhecimento. No Exército da Salvação, todavia, com toda sua música e balbúrdia, três ou quatro vezes vi ou escutei pessoas de fato sinceras.”

“E como você sabe disso?”

“É fácil de perceber. Por exemplo, certa vez ouvi o discurso de um sujeito em um vilarejo, era sábado, ao ar livre, e o pó e o calor logo o deixaram totalmente rouco. Ele não parecia muito forte. Quando já não conseguia falar nada, o homem deixou que seus três companheiros cantassem um verso enquanto ele bebia um gole de água. Metade do vilarejo se reunia ao redor dele, crianças e adultos, para caçoar e criticar. Atrás do sujeito, havia um jovem servente com um chicote. De tempos em tempos, ele o fazia estalar, com o propósito de irritar o orador, e toda a gente ria. Mas o pobre coitado não se zangava, apesar de não ser nada bobo, e seguia combatendo a algazarra com seu fio de voz e sorrindo, quando qualquer outro em seu lugar teria chorado ou fugido. Sabe, um homem não faz isso por um salário de fome ou por prazer, e sim porque deve trazer consigo uma grande clareza e uma grande certeza.”

“Pode ser. Mas isso não vale para todo mundo. Uma pessoa delicada e sensível como você não suportaria tamanha algazarra.”

“Ou talvez suportasse. Caso a pessoa possua ou saiba de algo superior a toda essa delicadeza e sensibilidade. Isso não vale para todo mundo, mas a verdade precisa valer para todos.”

“Ah, a verdade! Como saber se os que andam por aí dizendo aleluia detêm a verdade?”

“Não sabemos ao certo. Mas só digo isso: se um dia achar que aquilo é a verdade, então vou querer segui-la.”

“Sei! Mas todo dia você encontra alguma sabedoria, e na manhã seguinte já desistiu dela.”

Knulp me olhou consternado.

“Não foi nada gentil dizer isso.”

Eu queria me desculpar, mas ele me impediu e ficou calado. Em seguida, disse baixinho um boa-noite e se deitou quieto, mas não acredito que tenha adormecido logo. Eu também estava agitado e passei mais de uma hora apoiado em meus cotovelos, espiando o campo anoitecido.

Na manhã seguinte, logo vi que Knulp estava num dia bom. Eu disse isso a ele, que me mirou com seus olhos brilhantes e pueris e disse: “Acertou. E sabe qual o motivo de se ter um dia bom como este?”

“Não, qual?”

“Uma boa noite de sono, com lindos sonhos. Mas não conseguimos nos lembrar deles. Foi o que aconteceu comigo hoje. Sonhei coisas alegres e magníficas, mas esqueci tudo; sei apenas que foram extraordinárias.”

E antes que chegássemos ao próximo vilarejo e bebêssemos o leite da manhã, ele cantou três ou quatro canções novinhas em folha com sua voz cálida, leve, natural, entrando pelo sóbrio amanhecer. Se fossem escritas e impressas, talvez essas canções não dissessem muita coisa. Knulp podia não ser um grande poeta, mas era um poetinha inegavelmente, e quando ele mesmo entoava suas cançonetas elas se assemelhavam às mais belas das canções. Algumas passagens e versos que guardei comigo são esplêndidos e ainda os tenho em grande estima. Nunca foram anotados no papel, seus versos vinham, viviam e morriam de modo inofensivo e irresponsável, como um sopro de brisa, porém alegraram e embelezaram muitos momentos, não apenas meus, como de muitos outros, crianças e velhos.

*Claro e muito formoso,
Como surge à porta uma senhorita,
Ele chega vermelho, mas orgulhoso,
Sobre a floresta de abetos que se avista.*

Assim ele cantava todos os dias para o sol, que quase sempre figurava e era enaltecido em muitas das suas canções. Curiosamente, tudo aquilo que suas conversas tinham de especulação filosófica, seus versos tinham de

descontração. Eram como crianças asseadas brincando em roupas de verão. Com frequência eram engraçados e sem sentido, e serviam apenas para dar vazão a sua alegria incontida.

Naquele dia, fui contagiado por seu bom humor. Cumprimentamos e fizemos troça com todos que encontramos, de modo que ora alguns riam, ora outros nos xingavam, e o dia inteiro passou como uma grande festa. Contávamos piadas e travessuras do tempo de escola, dávamos apelidos aos camponeses que passavam e às vezes também a seus cavalos e bois, nos fartávamos de groselhas roubadas apoiados numa cerca de jardim escondida e a cada duas horas, mais ou menos, descansávamos para poupar nossas energias e as solas de nossas botas.

Pareceu-me que, no curto tempo que conhecia Knulp, nunca antes o tinha visto tão alegre, terno e conversador, e me alegrei ao pensar que hoje começava de fato nossa divertida vida de peregrinação juntos.

Ao meio-dia o clima ficou abafado e nós passamos mais tempo deitados na grama do que caminhando; já perto do entardecer o ar pesado ameaçava uma tempestade, de modo que decidimos procurar um teto para passar a noite.

Knulp agora estava menos falante e um pouco cansado, mas quase não percebi, pois ele ainda me acompanhava com seu sorriso afetuoso e muitas vezes se juntava ao meu cantarolar. Eu mesmo estava cada vez mais animado e sentia uma chama de alegria se acender dentro de mim. Talvez com Knulp acontecesse o contrário, talvez suas luzes festivas já tivessem começado a se apagar. Naquela época, isso sempre me acontecia: nos dias felizes, eu ia me tornando cada vez mais entusiasmado à medida que a noite chegava e não conseguia parar. Sim, em muitas noites, depois de tamanha animação, aconteceu de eu vagar sozinho por horas a fio, enquanto os outros há muito já tinham se cansado e dormiam.

Essa febre de alegria noturna me acometeu naquela ocasião, e fiquei ansioso por uma noite de diversões à medida que seguíamos para o vale, rumo a uma aldeia um pouco maior. Por ora escolhemos um celeiro, um tanto apartado mas de acesso fácil, como abrigo para a noite. Depois entramos na aldeia e nos sentamos no belo jardim de uma hospedaria, pois naquele dia meu amigo seria meu convidado. Pensei em lhe pagar uma panqueca e algumas cervejas para comemorar aquele dia tão alegre.

Knulp aceitou o convite de bom grado. No entanto, ao nos acomodarmos em nossa mesa sob um plátano bonito, ele, um pouco constrangido, disse:

“Olhe, mas não vamos começar uma bebedeira, está bem? Aprecio uma garrafa de cerveja, me faz bem e a bebo com prazer, mas não aguento muito mais do que isso”.

Eu deixei estar, pensando: não beberemos nem muito nem pouco, mas a quantidade que nos satisfizer. Comemos as panquecas quentes acompanhadas de um pão de centeio de sabor intenso, fresco e marrom, e pedi uma segunda garrafa quando Knulp ainda estava na metade da primeira. Vendo-me sentado novamente a uma boa mesa, abundante e poderoso, tive uma sensação muito boa e quis desfrutar disso mais um pouco naquela noite.

Ao terminar sua cerveja, Knulp não aceitou uma segunda que lhe ofereci e sugeri que passeássemos um pouco pela aldeia e depois fôssemos dormir cedo. Aqueles não eram nem de longe os meus planos, mas não queria contradizê-lo de imediato. E, como minha garrafa ainda não estava vazia, não me opus a ele ir embora antes, pois logo nos encontraríamos de novo.

E ele de fato partiu. Segui Knulp com o olhar enquanto ele descia os degraus, com seu caminhar sossegado de quem desfruta um feriado e uma florzinha atrás da orelha, indo pela rua larga em direção ao vilarejo. E ainda que eu lamentasse o fato de ele não ter querido tomar mais um trago comigo, eu o observava com alegria e afeto: que bom sujeito!

Nesse meio-tempo, apesar de o sol já ter desaparecido, ficava cada vez mais abafado. Eu gostava de me sentar para um trago noturno tranquilo naquele clima, e me acomodei em minha mesa para ficar mais um pouco. Como eu era praticamente o único cliente, a garçonete tinha muito tempo para conversar comigo. Pedi que ela me trouxesse dois charutos, no início com a intenção de guardar um deles para Knulp, no entanto me esqueci do propósito e fumei os dois sozinho.

Depois de cerca de uma hora, Knulp voltou e quis me levar. Contudo, eu havia me assentado ali, e, como ele estava cansado e tinha sono, concordamos que ele deveria ir para o nosso lugar de dormir e se deitar. E assim o fez. A garçonete logo começou a fazer perguntas sobre meu companheiro, afinal, ele atraía os olhares de todas as garotas. Eu não tinha nada contra, ele era meu amigo e ela não era minha namorada, então lhe fiz os maiores elogios, pois me sentia bem e só desejava coisas boas a todos.

Começou a trovejar e o vento soprava suave nas folhas do plátano quando, já tarde, decidi partir. Paguei, dei uma moeda de dez à moça e tomei meu caminho sem pressa. Percebi no percurso que tinha bebido demais, pois havia passado os últimos tempos livre de bebidas mais fortes. Mas isso só

me deixou mais contente, pois eu sabia que aguentava bem, e cantei durante todo o caminho até encontrar de novo nossos aposentos. Subi sem fazer barulho e encontrei Knulp já adormecido. Observei que ele estava em mangas de camisa, deitado sobre o casaco marrom estendido, e tinha uma respiração constante. A testa, o pescoço descoberto e uma mão esticada davam um brilho pálido para aquela penumbra.

Deitei sem me despir, mas a excitação e a cabeça pesada me mantinham acordado. Já começava a clarear quando por fim caí num sono ferrado, profundo e surdo. O sono era profundo, porém intranquilo. Eu me sentia pesado e abatido, tive sonhos sem sentido e perturbadores.

Acordei tarde, já era pleno dia, e a luz clara machucou os meus olhos. Minha cabeça estava vazia e enevoada, e os membros do corpo, cansados. Bocejei por um bom tempo, esfreguei os olhos e estiquei os braços até as articulações estalarem. Contudo, apesar do cansaço, eu ainda preservava vestígios e ecos do bom humor do dia anterior, e pensei em lavar as pequenas lamúrias na próxima fonte de água clara que encontrasse.

Mas não foi o que aconteceu. Quando olhei ao redor, Knulp não se encontrava. Chamei por ele e assobiei, e de início fui totalmente ingênuo. Mas quando os chamados, assobios e buscas se mostraram inúteis, me dei conta de que ele havia me deixado. Sim, havia partido em segredo, já não queria estar ao meu lado. Talvez minha forma de beber na véspera o tivesse contrariado, talvez porque se envergonhasse de sua própria extravagância no dia anterior, ou quem sabe tudo não passava de um capricho, já não queria minha companhia ou então fora acometido por uma repentina necessidade de estar sozinho. Mas o mais provável é que a culpa tenha sido da minha bebedeira.

A alegria me abandonou, fui completamente tomado pela vergonha e pelo pesar. Onde estava meu amigo agora? Apesar de todo seu discurso, eu imaginava compreender um pouco sua alma e fazer parte dela. Agora ele havia partido e eu estava só e decepcionado, e não podia acusá-lo mais do que a mim mesmo por isso. Agora era minha vez de provar a solidão em que, segundo a opinião de Knulp, todos vivemos e na qual eu nunca quis acreditar de todo. Ela era amarga, e não apenas no primeiro dia. De vez em quando até se torna mais amena, mas, desde aquele momento, ela nunca mais me largou por completo.

O fim

Era um dia claro de outubro; rajadas de vento curtas e caprichosas moviam o ar leve e ensolarado. Dos campos e jardins se elevava em fitas esbeltas e hesitantes a fumaça azul-clara dos fogos de outono, impregnando a paisagem luminosa com um odor doce e pungente de erva e madeira verde queimadas. Nos jardins da aldeia floresciam ásteres-da-china de cores vivas, rosas pálidas tardias e dalias. Nas cercas ainda ardiam aqui e ali capuchinhas inflamadas em meio à folhagem já opaca e embranquecida.

Pela estrada que levava a Bulach, o dr. Machold ia guiando sem pressa sua charrete. O caminho era levemente íngreme, à esquerda havia campos ceifados e plantações de batatas em que ainda se fazia a colheita, à direita, um bosque de abetos estreito e quase sufocado, que formava uma parede marrom de troncos apinhados e galhos secos cujo chão era do mesmo tom de marrom seco, cheio de agulhas grossas amontoadas. A estrada levava direto ao azul suave do céu de outono, como se o mundo terminasse no topo daquela subida.

O médico levava as rédeas frouxas, deixando que o velho cavalo seguisse à vontade. Vinha de uma visita a uma mulher moribunda, por quem nada mais podia ser feito, mas que, ainda assim, havia lutado tenazmente pela vida até o último momento. Agora estava cansado e desfrutava da viagem tranquila em um dia agradável; seus pensamentos estavam adormecidos e seguiam, um pouco atordoados e involuntariamente, os chamados de memórias agradáveis e nebulosas das férias de outono da época da escola, despertadas pelo cheiro do fogo nos campos e, ainda mais distante no tempo, do crepúsculo ruidoso e disforme de sua infância. Afinal, havia crescido no campo e seus sentidos respondiam com familiaridade e alegria a todos os indícios naturais da estação do ano e seus assuntos.

Estava quase adormecendo quando foi acordado por uma pausa da charrete. Havia uma canaleta de água que cortava a estrada e as rodas da frente ficaram presas ali. Por sorte o cavalo parou, abaixou a cabeça e aproveitou o descanso enquanto aguardava.

O silêncio repentino das rodas deixou Machold agitado, ele puxou as rédeas, olhou sorridente para a floresta e para o céu que, depois daqueles

minutos de ausência, mantinham uma clareza ensolarada, e usou um conhecido estalar da língua para fazer com que o cavalo continuasse a subida. Logo se endireitou no assento, pois não gostava de cochilar durante o dia, e acendeu um charuto. A viagem seguiu seu passo vagaroso, duas mulheres nos campos o cumprimentaram. Elas usavam chapéu largo e estavam atrás de uma longa fileira de sacos cheios de batatas.

O topo agora estava próximo e o cavalinho ergueu a cabeça, alegre e na expectativa de se aproximar do longo declive da colina que os levaria para casa. Então apareceu no horizonte próximo e luminoso um homem, um andarilho, que por um instante se mostrou livre e alto naquele azul brilhante. Então, à medida que descia, tornou-se cinza e pequeno. Ele se aproximou, era um homem magro e maltrapilho, com uma barbicha, notava-se que estava em casa na estrada. Caminhava cansado e com dificuldade, porém tirou o chapéu com uma cortesia serena e disse um bom-dia.

“Bom dia”, disse o dr. Machold, e observou o desconhecido que passara por ele. Súbito o médico deteve o cavalo, ficou de pé e virou-se sobre o assento de couro, chamando: “Ei, senhor! Venha cá um instante!”.

O andarilho empoeirado parou e olhou para trás. Deu um sorriso débil, virou-se de novo e parecia querer seguir adiante, mas mudou de ideia e deu a volta, obediente.

Agora estava ao lado da charrete com seu chapéu na mão.

“Para onde o senhor vai, se me permite perguntar?”, disse Machold.

“Sigo por esta estrada até Berchtoldsegg.”

“Será que não nos conhecemos? Não consigo me lembrar do seu nome. Mas o senhor sabe quem sou, não?”

“Acredito que o senhor seja o dr. Machold.”

“Pois bem! E o senhor, como se chama?”

“O doutor deve me conhecer. Éramos vizinhos de carteira nas aulas do professor Plocher e, na época, o senhor costumava copiar meus exercícios de latim.”

Machold desceu rapidamente da charrete e mirou o homem nos olhos. Então lhe deu um tapinha no ombro, sorrindo.

“Verdade!”, disse. “Então você é o famoso Knulp e somos colegas de escola. Deixe-me apertar sua mão, amigo velho! Sem dúvida faz uns dez anos que não nos vemos. Segue firme na peregrinação?”

“Sim, sempre. Gostamos de manter os hábitos quando ficamos velhos.”

“Você tem razão. E qual o destino desta viagem? Voltando de novo para casa?”

“Acertou. Quero ir para Gerbersau, tenho algumas coisinhas a fazer por lá.”

“Muito bem. Os seus ainda vivem?”

“Não, ninguém mais.”

“Você já não parece tão jovem, Knulp. Estamos na faixa dos quarenta, nós dois. E você querendo passar batido por mim, isso não foi simpático... Sabe, me parece que você está precisando de um médico.”

“Ah, imagine, não tenho nada de mais. E, o que tenho, nenhum médico é capaz de curar.”

“Veremos. Agora suba aqui e venha comigo, assim podemos conversar melhor.”

Knulp recuou um pouco e pôs o chapéu de volta. Com uma expressão envergonhada, resistiu quando o doutor tentou ajudá-lo a subir no veículo.

“Ora, não precisa disso. O pangaré não vai fugir de você enquanto estivermos aqui.”

Então teve um acesso de tosse e o médico, que já sabia o que ele tinha, agarrou sua mão de uma vez e o sentou na charrete.

“Bem”, disse ele continuando a viagem, “logo estaremos no topo e dali em diante será um trote, em meia hora chegaremos em casa. Você não precisa falar agora, com essa tosse, podemos retomar a conversa quando chegarmos lá. O quê? Não, isso não te serve para mais nada, pessoas enfermas devem ficar na cama, não na estrada. Sabe de uma coisa, lá atrás você me ajudou bastante com o latim, agora é a minha vez de ajudar.”

Eles atravessaram o cume e, com os freios assobiando, desceram o longo declive; em frente já se viam os telhados de Bulach sobre as árvores frutíferas. Machold encurtou as rédeas e ficou atento ao caminho, enquanto Knulp, cansado, se entregava com um deleite parcial ao prazer da viagem e àquela hospitalidade forçada. Amanhã, pensou, ou no máximo depois de amanhã, seguirei para Gerbersau, se os ossos aguentarem. Não era mais um molecote que podia desperdiçar os dias e os anos. Era um homem doente e velho, que não tinha outro desejo além de retornar a sua terra antes do fim.

Em Bulach, seu amigo primeiro o levou à sala de estar e lhe deu leite para beber e pão com presunto para comer. Assim, os dois conversaram e aos poucos recuperaram a intimidade entre eles. Então o médico começou seu

interrogatório e o doente, de boa vontade e levemente chistoso, permitiu-se passar por aquilo.

“Você sabe o que tem?”, perguntou Machold ao fim do exame. Ele falou com suavidade e sem dar muita importância, e Knulp lhe foi grato por isso.

“Sim, eu já sei, Machold. É a tuberculose, e sei que não duro mais muito tempo.”

“Ora, quem sabe? Mas agora você precisa entender que seu lugar é na cama, sob cuidados. Por enquanto pode ficar aqui comigo, vou procurar nesse meio-tempo um lugar para você no hospital mais próximo. Você não está bem, meu caro, e precisa se preservar para poder sair dessa.”

Knulp vestiu de novo o casaco. Voltou seu rosto magro e cinzento para o doutor, com uma expressão jocosa, e disse, bem-humorado: “Você se preocupa demais, Machold. Bem, como queira. Mas não espere muita coisa de mim”.

“Veremos. Agora sente-se ao sol, enquanto ele ainda brilha no jardim. Lina vai lhe preparar a cama de hóspede. Temos que tomar conta de você, Knülplein. Não é justo que um homem que passou a vida toda sob o sol e ao livre esteja justamente com problema nos pulmões.”

Com isso, partiu.

Lina, a governanta, não ficou contente e era contra dar o quarto de hóspedes para um maltrapilho daqueles. Mas o doutor não lhe deu ouvidos.

“Pare com isso, Lina. O homem não tem mais muito tempo, precisa ficar um pouco conosco. Ele sempre foi limpo e, antes que vá para a cama, o meteremos no banho. Entregue-lhe uma de minhas camisas de dormir e talvez minhas pantufas de inverno. E não se esqueça: ele é meu amigo.”

Knulp dormiu por onze horas e passou aquela manhã nebulosa na cama, cochilando, e só aos poucos conseguiu se dar conta de onde estava. Quando o sol apareceu, Machold permitiu que ele se levantasse, e logo os dois foram tomar uma taça de vinho tinto no terraço ensolarado, depois da refeição. Depois da boa comida e do meio copo de vinho, Knulp ficou animado e loquaz, e o médico reservou uma hora para conversar com o excêntrico colega de escola e talvez descobrir algo sobre essa vida nada corriqueira.

“Você está satisfeito com a vida que teve?”, disse, sorrindo. “Então está tudo certo. De outro modo, eu diria que é uma pena para um sujeito como você. Você não precisava ter sido pastor ou professor, mas talvez tivesse se tornado naturalista ou poeta. Não sei se você fez uso dos seus dons e os aprimorou, mas se o fez, foi apenas para si, não?”

Knulp apoiou o queixo com a barbinha rala na palma da mão e olhou para as luzes vermelhas que brincavam atrás do copo de vidro sobre a toalha de mesa ensolarada.

“Não é bem assim”, ele disse vagarosamente. “O que você chama de dons não é grande coisa. Sei assobiar um pouco, tocar um pouco de acordeão e fazer um versinho ou outro de vez em quando. Já fui um bom corredor e não dançava mal. Isso é tudo. E eu não me divertia sozinho com essas coisas, quase sempre havia camaradas comigo, ou moças ou crianças que também aproveitavam e me agradeciam. Queremos que seja bom e que todos fiquem satisfeitos, não?”

“Sim”, disse o doutor, “é o que queremos. Mas preciso lhe perguntar uma coisa. Você frequentou a escola de latim comigo até o quinto ano, ainda me lembro bem, e sempre foi um bom aluno, ainda que não fosse um menino modelo. E então, de uma hora para outra, foi embora. Disseram que você foi para uma escola pública, e assim nos afastamos — enquanto estudante de latim, eu não podia ser amigo de alguém que frequentava a escola pública. O que houve? Mais tarde, quando ouvi falar de você, sempre pensei: se ele tivesse continuado conosco, tudo teria sido diferente. Então, como foi isso? Você não aguentava mais a escola ou seu pai não quis continuar pagando a mensalidade? Ou terá sido outra coisa?”

O enfermo segurou seu copo com a mão morena e magra, mas não bebeu. Apenas olhou através do vinho para a luz verde do jardim e pôs de novo o cálice sobre a mesa. Em silêncio, fechou então os olhos e afundou-se em pensamentos.

“Você se incomoda de falar sobre isso?”, perguntou o amigo. “Não precisamos fazê-lo.”

Então Knulp abriu os olhos e escrutinou longamente o rosto do amigo.

“Não”, ele disse, ainda hesitante, “acho que é preciso fazê-lo. Na verdade, nunca contei isso a ninguém. Mas agora talvez seja bom que alguém saiba. É apenas uma história de criança, mas acabou se tornando importante para mim e me incomoda há anos. É curioso que você tenha perguntado sobre isso agora!”

“Por quê?”

“Pensei muito sobre isso nos últimos tempos e por isso estou de novo a caminho de Gerbersau.”

“Bem, então conte.”

“Veja, Machold, éramos bons amigos na época, ao menos até o terceiro ou quarto ano. Depois já não éramos tão próximos, e muitas vezes você assobiava chamando por mim diante da nossa casa, mas em vão.”

“Meu Deus, sim, é verdade! Faz mais de vinte anos que não penso nisso. Nossa, que memória a sua! E depois?”

“Agora posso lhe contar como aconteceu tudo. A culpa foi das meninas. Eu me interessei por elas relativamente cedo. Quando você ainda acreditava que a cegonha trazia os bebês, eu já tinha uma boa ideia do que acontecia entre meninos e meninas. Aquilo se tornou, então, a coisa mais importante para mim, e por isso eu já não brincava mais de índio com vocês.”

“Você tinha doze anos, não?”

“Quase treze, sou um ano mais velho que você. Uma vez adoeci e fiquei de cama, e uma prima estava nos visitando. Ela era três ou quatro anos mais velha e começou a fazer umas brincadeiras comigo. Quando me recuperei, uma noite fui ao seu quarto. Então descobri como era de fato uma mulher, e fiquei tão assustado que saí correndo. Não quis mais falar com essa prima, ela me causava ojeriza e medo. Mas aquilo tinha ficado na minha cabeça e, a partir dali, por muito tempo tudo que fiz foi ficar atrás das garotas. O curtidor Haasis tinha duas filhas da minha idade, e vinham também outras meninas da vizinhança para brincar de esconde-esconde no sótão escuro, havia sempre muitas risadinhas, cócegas e segredos. Eu era quase sempre o único menino desse grupo, e de vez em quando elas me deixavam fazer tranças em seus cabelos ou me davam um beijo. Ainda éramos crianças e não sabíamos bem o que era o quê, mas acontecia de um jeito amoroso. Quando elas iam se banhar, eu me escondia atrás das moitas e as observava... Um dia apareceu uma menina nova. Ela vinha dos arrabaldes e seu pai trabalhava na malharia. Seu nome era Franziska, gostei dela à primeira vista.”

O doutor o interrompeu. “Como se chamava o pai dela? Talvez eu a conheça.”

“Desculpe, mas prefiro não dizer, Machold. Não acrescenta nada à história e não quero que saibam dessas coisas sobre ela... Mas bem! Ela era maior e mais forte do que eu, volta e meia estávamos brincando e lutando um com o outro, e quando ela me apertava até doer, eu ficava tonto e entrava numa espécie frenesi. Fiquei apaixonado, e como ela era dois anos mais velha, costumava dizer que logo queria arranjar um namorado. Então aquele se tornou meu único desejo: eu queria ser o escolhido. Certa vez ela estava

sentada sozinha no jardim do curtidor à beira do rio, com os pés dentro d'água, havia se banhado e usava apenas uma camisola. Então me aproximei e me sentei ao seu lado. De repente tomei coragem e disse que queria e deveria ser seu namorado. Mas ela me olhou com compaixão em seus olhos castanhos e disse: 'Você é só um menininho que ainda usa calça curta, o que sabe de namoros e do amor?'. Não, eu disse, sei tudo sobre isso, e se você não quiser ser minha namorada, vou jogá-la na água e atirar-me junto. Então ela me encarou intrigada, com um olhar de mulher, e disse: 'Veremos. Você já sabe beijar?'. Eu disse que sim, e, ligeiro, lhe dei um beijo na boca, pensando que fazia bem, mas ela tomou minha cabeça nas mãos e me beijou de verdade, como uma mulher, de modo que não pude mais ver nem escutar nada. Então sorriu com sua voz profunda e disse: 'Você podia até servir, mocinho. Mas não. Não posso ter um namorado que frequenta a escola de latim, não há gente séria ali. Meu namorado precisa ser um homem de verdade, um artesão ou um trabalhador braçal, não um estudioso. Por isso não será possível'. No entanto, ela me puxou para o seu colo e era tão bom estar perto de seu calor e entre seus braços, que eu não podia nem imaginar soltá-la. Então prometi a Franziska que não frequentaria mais a escola de latim e que me tornaria um artesão. Ela apenas riu, mas eu não desisti. Por fim ela me beijou novamente e prometeu que, caso eu deixasse de ser estudante de latim, ela gostaria de ser minha namorada e que eu seria feliz com ela."

Knulp fez uma pausa e tossiu um pouco. Seu amigo lhe observava atentamente, ambos se calaram por um tempo. Então ele continuou: "Bem, agora você conhece a história. Claro que as coisas não aconteceram tão depressa quanto as contei. Meu pai me deu uns bons safanões na orelha quando lhe pus a par de que não queria e não podia mais frequentar a escola de latim. Eu não sabia o que fazer; muitas vezes considerei botar fogo em nossa escola. Eram pensamentos infantis, mas eu levava aquele assunto fundamental muito a sério. Por fim me dei conta de qual seria a única saída. Deixei de ser um bom aluno. Você não se lembra?"

"É verdade, agora entendo. Durante um período, você ficava de castigo quase todos os dias."

"Sim. Eu matava as aulas e respondia tudo errado, nunca mais fiz as tarefas e sempre perdia o caderno, todo dia acontecia alguma coisa. Por fim, comecei a me divertir com aquilo e não facilitei a vida dos professores. O latim e a coisa toda já não eram tão importantes, de todo modo. Você sabe,

sempre segui os meus instintos, e quando estou atrás de algo não existe mais nada para mim no mundo por um tempo. Assim aconteceu com a ginástica, com a pesca de truta e com a botânica. E agora acontecia o mesmo com as garotas, até que eu sossegasse o facho e passasse pela experiência, nada mais teria importância para mim. E também é uma tolice que um menino tenha que ficar sentado na cadeira da escola fazendo exercícios de conjugação, quando secretamente todos os sentidos estão voltados para o banho das meninas que ele espiou na tarde de ontem... Bem, e por aí vai! Os professores talvez tenham percebido isso, eles gostavam muito de mim e toleraram enquanto foi possível. E o plano não teria dado em nada, mas então comecei uma amizade com o irmão de Franziska. Ele estudava na escola pública, no último ano, e era um garoto terrível; aprendi muito com ele, mas nada de bom, e ele ainda me fez sofrer um bocado. Depois de meio ano, por fim alcancei meu objetivo. Meu pai me deu uma surra tremenda, mas fui expulso de nossa escola e agora estava na mesma sala do irmão de Franziska na escola pública.”

“E a moça?”, perguntou Machold.

“Oh, isso foi o pior de tudo. Ela não se tornou minha namorada. Desde que o irmão começou a me levar à casa dela, a moça passou a me tratar mal, como se eu valesse ainda menos do que antes. Depois de dois meses na escola pública, tinha me habituado a sair escondido de casa à noite, e foi então que descobri a verdade. Uma noite, já tarde, estava vagando pelo bosque de Rieder e, como já fizera outras vezes, fui espiar um casal de namorados num banco. Quando por fim me aproximei, quem estava lá era Franziska e um artífice de mecânico. Eles não me notaram, ele tinha os braços em volta do pescoço dela e um cigarro na mão, sua blusa estava desabotoada e, em suma, foi terrível.”

Machold bateu de leve no ombro do amigo.

“Bem, talvez assim tenha sido melhor para você.”

Mas Knulp balançou sua cabeça pontuda energicamente.

“Não, de modo algum. Ainda hoje eu daria minha mão direita para que tivesse sido diferente. Não diga nada contra Franziska, ela não tem culpa. E, se tivesse dado certo, eu teria conhecido o amor de uma maneira bonita e feliz, e talvez isso tivesse me ajudado a me adaptar à escola pública e a acertar as coisas com meu pai. Veja... como dizer? Desde então tive muitos amigos, conhecidos e camaradas, e também alguns amores; mas nunca mais consegui confiar na palavra de alguém ou dar a minha palavra. Nunca mais.

Vivi a minha vida como quis, nunca me faltaram liberdade e coisas belas, mas permaneci sempre sozinho.”

Ele pegou o copo, tomou com parcimônia o último golinho de vinho e se levantou.

“Se me permite, vou me deitar de novo, não quero mais falar sobre isso. Com certeza você tem outras coisas para fazer.”

O doutor assentiu com a cabeça.

“Só mais uma coisa! Vou escrever uma carta para solicitar um lugar no hospital para você. Talvez não goste disso, mas é necessário. Você não vai aguentar se não começar logo um tratamento.”

“Que nada”, disse Knulp com uma violência que não lhe era comum, “me deixe sucumbir de vez! Não adianta fazer mais nada, você mesmo sabe. Por que vou deixar que me fechem em algum lugar?”

“Pare com isso, Knulp, seja razoável! Eu seria um médico medíocre se deixasse você seguir por aí desse jeito. Com certeza encontraremos um lugar para você em Oberstetten, e ainda seguirá com uma carta minha. Daqui a oito dias, vou pessoalmente visitá-lo e ver como está. É uma promessa.”

O andarilho afundou de novo em seu assento, quase parecia que ele estava à beira do choro, esfregando suas mãos magras uma na outra, como se estivesse com frio. Então encarou o médico com um olhar suplicante e pueril.

“Está bem”, disse bem baixinho. “Não é certo da minha parte, você já fez tanto por mim, até vinho tinto me serviu... foi tudo tão bom e tão agradável. Não fique zangado, mas ainda tenho um grande favor a lhe pedir.”

Machold lhe deu um tapinha apaziguador no ombro.

“Não seja tolo, meu velho! Ninguém vai lhe arrastar pelos cabelos. Diga, o que é?”

“Você está bravo comigo?”

“De modo algum. Mas por quê?”

“Então lhe peço, Machold, você precisa me fazer um grande favor. Não me mande para Oberstetten! Se eu tenho de ficar num hospital, que ao menos seja em Gerbersau. Lá as pessoas me conhecem e estarei em casa. Talvez a assistência aos pobres também seja melhor, já que nasci lá, e sobretudo...”

Seus olhos mendigavam com ardência, estava tão agitado que mal podia falar.

Está febril, pensou Machold, e disse serenamente: “Se isso é tudo que me pede, logo será feito. Você tem toda razão, vou escrever para Gerbersau. Agora vá se deitar, você está cansado e conversou demais.”

O médico o acompanhou com o olhar, viu como ele entrava trôpego na casa, e súbito lembrou-se do verão em que Knulp o ensinou a pescar trutas, e de sua maneira esperta e dominadora de se entender com os camaradas, do brilho formoso daquele menino de doze anos tão distinto.

“Pobre rapaz”, pensou com uma comoção que o incomodou, e se levantou depressa para ir ao trabalho.

Na manhã seguinte havia neblina, e Knulp passou o dia inteiro na cama. O doutor lhe trouxe alguns livros, mas ele mal os tocou. Estava carrancudo e desanimado, pois agora que desfrutava de atenção, cuidados, uma boa cama e comida caprichada, ficava mais claro do que nunca que rumava para o fim.

“Se eu passar mais tempo aqui deitado”, pensou com mau humor, “não me levanto nunca mais.” Já não tinha muito que fazer na vida, a estrada perdera boa parte de sua magia nos últimos anos. No entanto, não queria morrer antes de rever Gerbersau e de despedir-se de tudo secretamente, do rio e da ponte, da praça do mercado e do velho jardim de seu pai, e também de Franziska. Havia se esquecido dos últimos amores e agora seus longos anos de peregrinação lhe pareciam pequenos e desimportantes, ao passo que o tempo cheio de segredos da infância adquirira novo brilho e encanto.

Observou com atenção o singelo quarto de hóspedes; fazia anos que não ficava num lugar tão confortável. Examinou com um olhar conhecedor e dedos sensíveis a trama do lençol, o cobertor macio de lã natural, as fronhas delicadas. O chão de madeira de lei também o interessava, assim como a fotografia na parede, que mostrava o palácio do Doge de Veneza, emoldurada por um mosaico de vidro.

Então ficou deitado por mais um longo tempo com os olhos abertos, sem que visse nada, cansado e atento apenas ao que acontecia silenciosamente em seu corpo doente. Mas de repente ergueu-se, curvou-se depressa na cama e pescou suas botas com dedos apressados, para examiná-las com minúcia e competência. Já não eram grande coisa, mas era outubro e elas aguentariam até que caísse a primeira neve. E depois tudo acabaria. Chegou a pensar que poderia pedir um par de sapatos a Machold. Mas não, ele ficaria desconfiado; ninguém precisa de sapatos no hospital. Tateou com cuidado os lugares furados no couro externo. Se os untasse bem com gordura, durariam pelo menos mais um mês. Era uma preocupação supérflua; o mais provável

era que o velho par de botas durasse mais do que ele e seguisse em uso quando o próprio Knulp já tivesse desaparecido da estrada.

Deixou as botas caírem e tentou respirar profundamente, mas aquilo lhe doía e o fez tossir. Então ficou deitado quieto, esperando, respirava com cuidado e tinha medo de que piorasse antes de cumprir seu último desejo.

Ele tentava pensar na morte, como já fizera outras vezes, mas sua cabeça se exauria com aquilo e acabou cochilando. Acordou depois de uma hora, no entanto lhe pareceu que havia dormido o dia todo. Agora sentia-se revigorado e sereno. Pensou em Machold e sentiu que, quando fosse embora, deveria lhe deixar algo para mostrar sua gratidão. Quis escrever um de seus poemas, pois o doutor perguntara por eles no dia anterior. Mas não conseguia lembrar-se direito de nenhum, ou não gostava daqueles que recordava. Pela janela, viu a neblina que envolvia a floresta ali perto e ficou encarando aquilo por um bom tempo, até que teve uma ideia. Com um lápis que encontrara na casa no dia anterior e pegara para si, escreveu algumas linhas sobre o papel branco limpo que forrava a gaveta da sua mesa de cabeceira:

*Todas as flores
Têm de secar
Quando chega a neblina,
E a pessoas
Precisam morrer
E repousar em seus túmulos.
As pessoas são como as flores,
Também retornam
Quando chega a primavera.
E assim nunca mais cairão doentes,
E tudo será perdoado.*

Ele parou e leu o que havia escrito. Não era uma canção de fato, nada rimava, mas tudo o que queria dizer estava ali. Molhou o lápis nos lábios e escreveu sob o poema: “Para o ilustríssimo dr. Machold, com a gratidão de seu amigo K.”.

Então guardou a carta na gavetinha.

No dia seguinte a neblina estava ainda mais densa, mas o ar frio trazia esperanças de que houvesse sol ao meio-dia. O médico deixou que Knulp se

levantasse, já que o amigo suplicava por isso, e contou que havia lugar para ele no hospital de Gerbersau e que o esperavam lá.

“Pois sigo para lá logo depois do almoço”, disse Knulp, “devo chegar em quatro horas, talvez cinco.”

“Era só o que faltava!”, disse Machold sorrindo. “Nada de caminhadas para você. Vou levá-lo de charrete, ou encontraremos algum outro modo. Perguntarei ao prefeito, talvez ele tenha que levar frutas e batatas para a cidade. Um dia a mais não faz diferença.”

O hóspede se rendeu, e quando se soube que o empregado do prefeito levaria dois bezerros para Gerbersau no dia seguinte, ficou acertado que Knulp o acompanharia.

“Seria bom você ter um casaco mais quente”, disse Machold, “pode vestir um meu? Ou ficaria muito grande?”

Ele não tinha nada contra, então pegaram o casaco, Knulp o provou e serviu bem. No entanto, ao ver que a peça de roupa era feita de um bom tecido e estava bem conservada, o andarilho, com sua velha vaidade infantil, de imediato decidiu mudar os botões de posição. Divertindo-se, o doutor concordou e ainda lhe deu uma camisa de colarinho para completar.

À tarde, Knulp experimentou sua nova roupa em total sigilo e, como tinha de novo uma bela aparência, começou a lamentar por não ter feito mais a barba nos últimos tempos. Não ousava pedir uma navalha à governanta ou ao doutor, porém conhecia o ferreiro do vilarejo e resolveu ir até lá fazer uma tentativa.

Logo encontrou a ferraria; entrou na oficina e recitou a velha saudação do ofício: “Um ferreiro de fora pede trabalho”.

O mestre o examinou com frieza.

“Você não é ferreiro coisa nenhuma”, disse, descontraído. “Pode procurar outro para enganar.”

“Tem razão”, sorriu o andarilho. “Você ainda tem bons olhos, mestre, mas mesmo assim não me reconheceu. Sabe, eu era músico antigamente, e você dançou ao som do meu acordeão em muitas noites de sábado em Haiterbach.”

O ferreiro franziu o cenho e ainda deu algumas golpeadas com a lima, depois levou Knulp até a luz e o olhou com atenção.

“Sim, agora já sei”, e deu uma risada breve. “Você é o Knulp. As pessoas envelhecem quando não as vemos por muito tempo. O que você faz em

Bulach? Não posso oferecer mais que uma moeda de dez e um copo de sidra.”

“É justo da sua parte, ferreiro, e te agradeço por isso. Mas quero outra coisa. Poderia me emprestar sua navalha por um quarto de hora? Quero sair para dançar hoje à noite.”

O mestre o ameaçou com o indicador.

“Você é mesmo um saco de mentiras, um velhaco. Pelo seu aspecto, me parece que nunca mais vai dançar coisa alguma.”

Knulp soltou uma risadinha alegre.

“Você percebe tudo! Pena que não se tornou um magistrado. Sim, eu preciso estar no hospital amanhã, Machold está me mandando para lá, mas você compreende que eu não gostaria de chegar com essa barbicha, não? Empréstimo-me a navalha, em meia hora lhe devolvo.”

“Ah, é? E para onde você vai levá-la?”

“Para a casa do médico, onde estou hospedado. E então, pode me emprestar?”

O ferreiro não achou aquilo muito plausível. Continuava desconfiado.

“Eu lhe empresto. Mas, sabe de uma coisa, esta não é qualquer navalha, é uma verdadeira Solingen de lâmina côncava. Quero muito tê-la de volta.”

“Pode confiar.”

“Sim, claro. Você tem um belo casaco, amiguinho. Não precisa dele para se barbear. Vou lhe dizer uma coisa: tire o casaco e deixe-o aí, quando voltar com a navalha pode pegá-lo de volta.”

O andarilho fechou a cara.

“Está bem. Não é muito nobre de sua parte, ferreiro. Mas façamos assim.”

O mestre trouxe então a navalha e Knulp deixou o casaco como garantia, mas não permitiu que o ferreiro coberto de fuligem o tocasse. Depois de meia hora voltou e devolveu a navalha Solingen. Sua barbicha desganhada tinha sumido e seu aspecto era outro.

“Só falta uma flor atrás da orelha e está pronto para cortejar as moças”, disse o ferreiro, todo admirado.

Mas Knulp já não estava com humor para piadas. Vestiu seu casaco de novo, disse um rápido obrigado e partiu.

No caminho de volta encontrou o doutor diante da casa, que o deteve.

“Por onde andou? Sim, e olhe para você! Ah, de barba feita! Nossa, mas pensa mesmo como uma criança!”

Porém aquilo o agradou e naquela noite Knulp bebeu vinho tinto novamente. Os dois amigos de escola celebraram a despedida, e cada um tentou se comportar com naturalidade, sem querer transparecer angústia.

De manhã cedo, o empregado do prefeito veio com a charrete que trazia dois bezerros dentro de um cercado, de pernas trêmulas e encarando com olhos arregalados a manhã fria. A geada cobria os prados pela primeira vez. Knulp sentou-se ao lado do rapaz no banco do cocheiro e recebeu uma coberta para pôr sobre o colo. O doutor lhe apertou a mão e deu meio marco ao empregado; o carro se afastou rangendo em direção ao bosque, enquanto o condutor acendia seu cachimbo e Knulp, com olhos sonolentos, pestanejava no azul-claro do frio da manhã.

Porém mais tarde o sol apareceu, e ao meio-dia havia ficado bastante quente. Os dois viajantes conversavam animadamente e, quando chegaram a Gerbersau, o empregado queria desviar do caminho e ir com o carro e os bezerros até o hospital. Mas Knulp logo o dissuadiu disso e eles se separaram amistosamente diante da entrada da cidade. Knulp ficou ali parado e seguiu a charrete com os olhos até ela desaparecer sob os bordos no caminho da feira do gado.

Ele sorriu e tomou um atalho por entre os jardins que só os locais conheciam. Estava livre de novo! Que o esperassem no hospital.

Mais uma vez o bom filho saboreou a luz e o ar, os barulhos e os cheiros de sua terra natal e a sensação de familiaridade excitante e satisfatória de estar em casa: o rebuliço dos camponeses e dos cidadãos na feira do gado, as sombras ensolaradas das castanheiras marrons, o voo fúnebre das mariposas outonais no muro da cidade, o som da fonte do mercado com seus quatro fios de água, o cheiro do vinho e o bater da madeira oca que vinha da entrada abobadada do porão do mestre tanoeiro; os nomes das ruas mais do que conhecidos, cada um deles envolto num enxame denso e inquieto de recordações. Com todos os sentidos, o errante degustou a magia multifacetada de estar em casa, do reconhecimento, do saber, do rememorar, da camaradagem com cada esquina e cada pedra de alicerce. Durante toda a tarde ele vagou pelas ruas, incansável, ouviu o amolador de facas junto ao rio, observou o torneiro em sua oficina pela janela, leu antigos nomes de família muito conhecidas em placas recém-pintadas. Mergulhou a mão na tina de pedra do mercado, porém deixou para matar a sede na pequena fonte do abade, que ainda jorrava misteriosamente, como em todos os anos anteriores, do primeiro piso de uma casa antiquíssima e murmurava entre as

lajes de pedra no curioso crepúsculo claro de sua nascente. Passou um bom tempo junto ao rio, reclinando-se no parapeito de madeira sobre a água corrente, para onde as algas escuras e compridas ondulavam e pequenos peixes, pretos e tranquilos, nadavam sobre os seixos trêmulos. Caminhou por sobre a antiga passarela e, ao chegar à metade, flexionou os joelhos, como fazia quando menino, para sentir o contrabalanço vivaz e elástico da pequena ponte.

Sem pressa, continuou seu passeio, sem se esquecer de nada, nem da tília da igreja com o gramadinho, nem da represa do moinho de cima, seu lugar preferido para banhar-se. Ficou parado diante da casinha em que seu pai morara anos antes, e por um instante apoiou gentilmente as costas contra a porta. Procurou ainda o jardim e, por cima de uma cerca de arame nova e sem graça, contemplou algumas plantações recentes... mas os degraus de pedra arredondados pela água da chuva e o marmeleiro redondo e robusto perto da porta ainda eram os de antigamente. Aqui Knulp passou os seus melhores dias, antes de fazer com que o expulsassem da escola de latim, aqui ele conheceu a alegria verdadeira, a satisfação plena, a felicidade sem amargura, as cerejas roubadas no verão, o prazer fugidio de cuidar de seu pequeno jardim e ver suas flores crescerem: os amados goivos amarelos, as divertidas campainhas, os amores-perfeitos ternos e aveludados. E as coelheiras, as oficinas onde construiu suas pipas e fez canos de água com velhos galhos ocos, e rodas de moinho com carretéis de linha, as pás com pedaços de ripa. Não havia telhado cujos gatos ele não conhecesse, nem pomar cujos frutos ele não procurasse, nenhuma árvore em que ele não houvesse trepado, em cuja copa não possuísse um ninho verde de sonhos. Esse pedaço de mundo lhe pertencera, lhe era conhecido e amado com a mais profunda familiaridade; aqui cada arbusto e cada cerca de jardim possuíam histórias, significado e sentido para ele, cada chuva e cada neve lhe diziam respeito, aqui o ar e a terra faziam parte de seus sonhos e desejos, respondiam a eles e respiravam com sua vida. E ainda hoje, pensou Knulp, não deveria haver nenhum morador ou dono daquelas casas e jardins ali em torno a quem aquilo pertencesse tanto, para quem tivesse mais sentido e trouxesse mais respostas e em quem despertasse mais recordações.

Por entre os telhados próximos, despontava no alto o frontão pontudo e cinza de uma casa estreita. Lá, tempos atrás, morara o curtidor Haasis, e ali as brincadeiras de infância e as alegrias de menino chegaram ao fim, com o surgimento dos primeiros segredos e toques carinhosos com as meninas. Ele

voltara muitas vezes de lá para casa ao anoitecer, ia pelas ruas escurecidas com as crescentes palpitações do desejo do amor, ali desfizera as tranças das filhas do curtidor e estremeceu com os beijos da bela Franziska. Teve vontade de passar lá mais tarde, à noite, ou talvez amanhã. No entanto, agora aquelas memórias já não lhe atraíam muito, e ele teria aberto mão de todas elas pela lembrança de uma única hora da época anterior, os seus anos de infância.

Knulp passou uma hora ou mais junto à cerca, olhando para baixo, e o que viu não foi o novo jardim desconhecido, com os jovens arbustos de frutas do bosque já vazios e um aspecto outonal. Ele via o jardim de seu pai, as flores de sua infância nos pequenos canteiros, as aurículas plantadas no domingo de Páscoa, os vítreos beijos-de-frade e os montinhos de pedras sobre os quais ele, incontáveis vezes, havia posto os lagartos que capturava, e ficava triste que nenhum deles permanecesse e ali morasse, pois queria que fossem seus bichos de estimação. E, mesmo assim, sempre continuava cheio de expectativa e de esperança quando trazia um novo. Hoje poderiam lhe presentear com todas as casas e jardins, todas as flores e lagartos e pássaros do mundo, e nada disso competiria com o esplendor encantado de uma única flor de verão que tivesse um dia crescido em seu jardim e suas deliciosas pétalas que caíam silenciosamente do botão. E os arbustos de groselha de então, como lembrava-se deles em detalhes! Eles já não existiam, não eram eternos e indestrutíveis, alguém os havia arrancado e desenterrado e feito uma fogueira com eles, madeira e raízes e folhas murchas foram queimadas junto, sem que houvesse ninguém para lamentar.

Sim, Machold estivera muitas vezes com ele ali. Agora ele era um médico e um senhor e conduzia uma charrete para visitar as pessoas doentes, e sem dúvida se manteve um homem bom e correto; mas também ele, também esse homem inteligente e vigoroso, o que era ele hoje se comparado ao menino virtuoso, tímido, esperançoso e amável de então? Naquele lugar Knulp havia lhe mostrado como se constroem gaiolas para moscas e torres para aprisionar gafanhotos. Ele havia sido o professor de Machold e seu amigo mais velho, mais esperto e mais admirável.

O lilás do vizinho envelhecera, estava seco e coberto de musgo, e a cabana no outro jardim fora derrubada. Em seu lugar podiam construir o que fosse, nada seria tão belo, agradável e certo como fora um dia.

Começou a escurecer e a esfriar quando Knulp deixou o caminho gramado do jardim. Da nova torre da igreja, que mudara a imagem da cidade, um

novo sino soava alto.

Ele se esgueirou pelo portão do jardim do curtidor, era fim de jornada e não se via ninguém. Silencioso, ele caminhava pelo solo macio de cascas de carvalho em direção às grandes poças onde as peles eram curtidas e até a muretinha onde o rio escuro deslizava pelas pedras verdes de musgo. Foi ali o lugar em que se sentara com Franziska naquele fim de dia, molhando os pés descalços na água.

“Se ela não tivesse me dado esperanças”, pensou Knulp, “então tudo teria sido diferente. Ainda que tivesse perdido a escola de latim e os estudos, eu teria encontrado força e vontade suficientes para me tornar alguma coisa.” Como a vida era simples e cristalina! Mas na época ele abandonou tudo e não quis saber de mais nada, e a vida seguiu aquele passo e não exigiu nada dele. Ficou à margem, tornou-se um vagabundo e um espectador, querido nos bons anos da juventude e solitário na doença e na velhice.

Knulp foi tomado por um grande cansaço. Sentou-se na muretinha abaixo enquanto o rio murmurava escuro em seus pensamentos. Então, uma janela no alto se iluminou, advertindo-o de que estava tarde e não deveriam vê-lo ali. Deixou o jardim em silêncio, passando pelo portão, abotoou o casaco e pensou sobre onde dormiria. Ele tinha dinheiro, o doutor lhe dera algum, e depois de refletir brevemente entrou em uma pousada. Poderia ter ido ficar na Engel ou na Schwanen, onde era conhecido e teria encontrado amigos. Mas agora aquilo não lhe apetecia.

Muita coisa havia mudado na cidadezinha, e antes ele quisera saber de tudo nos mínimos detalhes, mas desta vez não estava interessado em ver nem ouvir nada, como se tudo pertencesse ao passado. E quando, depois de rápidas perguntas, soube que Franziska já não vivia, tudo esmoreceu e lhe pareceu que ela era a única razão de ele ter ido para lá. Não, não fazia sentido ficar vagabundeando pelas ruas e por entre os jardins aguentando as piadas compadecidas daqueles que o conheciam. E, quando por acaso encontrou o médico-chefe da saúde pública na ruazinha do correio, de repente se deu conta de que poderiam dar por sua falta no hospital e sair à procura dele. Entrou numa padaria e comprou dois pãezinhos, guardou-os no bolso do casaco e, antes do meio-dia, subiu pela estrada íngreme que levava à montanha.

Bem no alto, na última grande curva antes do limite da floresta, um homem coberto de pó estava sentado sobre uma pilha de pedras e quebrava uma pedra de cal cinza-azulada em pedaços com um martelo de cabo longo.

Knulp o observou, o cumprimentou e ficou parado.

“Salve”, disse o homem, e continuou martelando, sem erguer a cabeça.

“Acho que o tempo logo vai mudar”, Knulp arriscou.

“Pode ser”, grunhiu o britador e ergueu os olhos por um instante, ofuscado pela luz do meio-dia na estrada clara. “Para onde o senhor vai?”

“Vou a Roma, ver o papa”, disse Knulp. “Ainda está muito longe?”

“O senhor não chegará hoje. Ainda mais se a toda hora tiver de parar e incomodar o trabalho das pessoas, assim nem um ano será suficiente.”

“O senhor acha? Ah, mas não tenho pressa, graças a Deus. O senhor é um homem esforçado, senhor Andres Schaible.”

O britador pôs a mão acima dos olhos e examinou o andarilho.

“Então o senhor me conhece”, ele disse, cauteloso, “e também o conheço, parece. Só não estou conseguindo me lembrar do nome.”

“O senhor precisa perguntar ao velho dono da Krabben, que costumávamos frequentar nos anos noventa. Mas ele sem dúvida não está mais vivo.”

“Faz muito tempo. Mas agora já sei, meu velho. Você é o Knulp. Sente-se um pouco e, mais uma vez, salve!”

Knulp se sentou, subira muito depressa e respirava com dificuldade; agora podia ver como era bela a cidadezinha ali no vale. O rio de um azul brilhante, os telhados terracota e as pequenas ilhas de árvores aqui e ali.

“Você tem uma bela vista aqui de cima”, disse com a respiração pesada.

“Verdade, não posso reclamar. E você? Antes tinha mais facilidade para subir a montanha, não? Como está arfante, Knulp! Quis visitar a terra natal de novo?”

“Isso mesmo, Schaible, pela última vez.”

“E por quê?”

“Porque meus pulmões estão estragados. Você conhece algum remédio para isso?”

“Se tivesse ficado em casa, meu caro, trabalhando firme, com uma mulher e filhos, e sua própria cama para dormir toda noite, talvez tivesse sido diferente para você. Bem, faz tempo que você sabe o que penso sobre isso. Agora não há mais nada a fazer. Você está muito mal?”

“Ah, não sei... Ou melhor, sei bem. Estou indo ladeira abaixo, e cada dia um pouco mais depressa. Essa é a vantagem de ser sozinho e não ser um peso para ninguém.”

“Depende de como você vê; mas isso é assunto seu. No entanto, sinto muito.”

“Não sinta. Todos temos que morrer um dia, até os britadores. Sim, meu velho, agora estamos os dois aqui sentados e nenhum de nós tem muito do que se gabar. Você também já teve outros planos em mente. Não houve uma época em que quis trabalhar na ferrovia?”

“Ah, isso já é história.”

“E seus filhos estão saudáveis?”

“Acredito que sim. O Jakob já ganha seu dinheirinho.”

“É mesmo? Ah, como o tempo passa. Bem, agora acho que vou seguir adiante.”

“Não tenha pressa. Faz tanto tempo que não nos vemos! Diga, Knulp, posso lhe ajudar de algum modo? Não tenho muito comigo, mas posso lhe dar meio marco.”

“Você pode precisar, amigo velho. Não, muito obrigado.”

Ele queria dizer algo mais, mas seu coração estava apertado, então se calou. O britador lhe ofereceu sua garrafa de sidra para beber. Olharam a cidade abaixo por um tempo, um reflexo de sol resplandecia poderoso no canal do moinho, uma carruagem ia devagar por sobre a ponte de pedra e, na represa abaixo, uma esquadra de gansos brancos navegava tranquila.

“Agora estou descansado e devo seguir”, recomeçou Knulp.

O britador ficou pensativo e balançou a cabeça.

“Escute, você poderia ter sido mais que um pobre vagabundo”, ele disse devagar. “É realmente uma pena. Sabe, Knulp, eu não sou nenhum beato, mas acredito no que está na Bíblia. Você também deve pensar nisso. Terá de prestar contas, não será tão simples. Você tinha dons, mais do que muitas pessoas, e mesmo assim não fez nada com isso. Não me leve a mal por dizer essas coisas.”

Agora Knulp sorria e havia em seus olhos o brilho da velha travessura inofensiva. Deu um tapinha amistoso no braço do camarada e se levantou.

“Veremos, Schaible. Talvez o bom Deus me pergunte: por que você não se tornou um magistrado? Ou talvez ele apenas diga: você de novo, garoto? E me dê um trabalho simples lá em cima, como cuidar de crianças.”

Andres Schaible encolheu os ombros sob a camisa xadrez azul e branca.

“Não adianta falar sério com você. Acha que Deus Todo Poderoso fará piada quando Knulp chegar.”

“Oh, não. Mas poderia ser, não é mesmo?”

“Não fale assim!”

Deram-se as mãos e nisso o britador pôs na palma de Knulp uma moedinha que havia desenterrado do bolso de sua calça. E o andarilho a aceitou sem protestar, para não estragar a alegria do amigo.

Ainda lançou um olhar para o antigo vale de sua terra natal, saudou Andres Schaible uma vez mais e então começou a tossir e a andar mais depressa, para logo desaparecer na parte alta da floresta.

Catorze dias mais tarde, depois que um período gelado de neblina dera lugar a alguns dias ensolarados com campainhas tardias e amoras frias e maduras, súbito irrompeu o inverno. Houve fortes geadas e então, no terceiro dia, o ar suavizou e a neve caiu pesada e ligeira.

Knulp passou o tempo todo fora, vagando sem rumo em torno da sua cidade, e por duas vezes ainda, ao se aproximar da floresta, avistou e ficou observando o britador Schaible, sem chamá-lo novamente. Ele tinha coisas demais em que pensar e, durante seus percursos longos, cansativos e inúteis, se afundava mais e mais na confusão de sua vida equivocada, como se tivesse ido parar num emaranhado de espinhos, sem encontrar sentido ou conforto naquilo. Então foi tomado novamente pela doença, e faltou pouco para que, certo dia, apesar de tudo, ele fosse para Gerbersau bater à porta do hospital. Mas, depois de dias e dias sozinho, quando voltou a olhar a cidade lá embaixo, tudo lhe pareceu estranho e hostil e ficou claro que ele não pertencia mais àquele lugar. De vez em quando comprava um pedaço de pão em um vilarejo, e ainda havia avelãs o suficiente. Passava as noites nas cabanas dos lenhadores ou no campo, entre os rolos de feno.

Agora, sob uma forte nevasca, ele descia de Wolfsberg em direção ao moinho do vale, trôpego e morto de cansaço, porém ainda de pé, como se tivesse que aproveitar ao máximo o restinho dos seus dias e andar, andar por todos os caminhos e entornos das florestas. Apesar de doente e cansado, seus olhos e olfato ainda mantinham a velha agilidade; perscrutando e farejando como um sensível cão de caça, ainda averiguava cada buraco no chão, cada sopro de vento, cada pegada de animal, mesmo que aquilo já não tivesse nenhum objetivo para ele. Não tinha mais vontade própria e suas pernas andavam sozinhas.

Nos seus pensamentos, porém, ele estava de novo com o bom Deus, com quem vinha falando quase ininterruptamente nos últimos dias. Não temia nada; sabia que Deus não nos faz mal. Mas eles conversavam um com o outro, Deus e Knulp, sobre a inutilidade da vida, e como ela poderia ter

seguido numa outra direção, e por que isso e aquilo tinham que ser como eram e não de um outro modo.

“Foi naquela época”, Knulp não parava de repetir, “na época em que eu tinha catorze anos e Franziska me deixou a ver navios. Ali eu ainda tinha todas as possibilidades. Mas foi ali que algo deu errado comigo, que algo se estragou, e dali em diante não servi para mais nada... Ah! Seu erro foi simplesmente não ter me deixado morrer aos catorze anos! Desse jeito minha vida teria sido tão bela e perfeita quanto uma maçã madura.”

O bom Deus, contudo, ria daquilo, e às vezes seu rosto desaparecia na nevasca.

“Ora, Knulp”, ele o repreendia, “pense na sua juventude, no verão em Odenwald e nos tempos de Lächstetten! Você não dançou até cair e sentiu a alegria de viver em todo seu corpo? Não cantou e tocou o acordeão, deixando as moças emocionadas? Ainda se lembra dos domingos em Bauerswil? E de sua primeira namorada, Henriette? Então, nada disso valeu?”

Knulp foi obrigado a refletir, as alegrias da juventude brilhavam no escuro como fogos numa montanha distante, exalavam um perfume forte e doce como o do mel e do vinho, e soavam como o vento do degelo que anuncia a primavera. Meu Senhor, foi bom, foi bom o gozo e bom o sofrer, e teria sido uma pena perder um dia que fosse!

“Ah, sim, foi bom”, ele admitiu, mas estava choroso e contrariado, como uma criança cansada. “Foi uma época maravilhosa. É verdade que havia culpa e tristeza também. Mas de fato foram bons anos, e talvez poucos tenham bebido tantos copos e dançado tantas danças e celebrado tantas noites de amor quanto eu. Mas então... então teve que acabar! Já ali havia um espinho na felicidade, não sei bem, e então nunca mais vieram tempos tão bons. Não, nunca mais.”

O bom Deus havia desaparecido na neve que caía ao longe. Agora, como Knulp havia parado um pouco para respirar e cuspir algumas gotas de sangue na neve, de repente Deus estava ali de novo e lhe deu uma resposta.

“Diga lá, Knulp, você não está sendo um pouco ingrato? É preciso rir de como você agora está esquecido! Nos lembramos do tempo em que você era o rei do salão de dança e de sua Henriette, e você foi obrigado a admitir: foi bom e belo, te fez bem e teve um sentido. E se é assim que você pensa em Henriette, meu caro, com que sentimento pensará em Lisabeth? Hum? Sim, você se esqueceu totalmente dela?”

E de novo, como uma cordilheira distante, um pedaço do passado estava diante dos olhos de Knulp, e, se não parecia tão alegre e divertido como o que o antecederia, ele reluzia de modo mais íntimo e comovente, como as mulheres que riem entre lágrimas, e dias e horas há muito esquecidos se levantaram de seus túmulos. E no meio deles estava Lisabeth, com olhos bonitos e tristes, com um menininho nos braços.

“Fui mesmo um sujeito imprestável!”, ele voltou a se lamentar. “Não, a partir do momento em que Lisabeth morreu, eu não deveria ter vivido mais.”

Mas Deus o interrompeu. Mirando seus olhos claros com severidade, disse: “Pare, Knulp! Você fez muito mal a Lisabeth, isso é fato, mas sabe muito bem que ela recebeu mais carinho e bondade de você do que coisas ruins, e que ela em nenhum momento lhe quis mal. Você ainda não percebe, com essa sua mentalidade de criança, qual foi o sentido de tudo isso? Não vê que justamente por isso teve de ser um fanfarrão e um vagabundo, para poder levar um pouco da alegria e da risada das crianças para todo lugar que fosse? Que desse modo em toda parte as pessoas lhe amariam um pouquinho e zombariam um pouquinho de você e lhe seriam um pouquinho agradecidas?”

“No fim das contas, é verdade”, Knulp reconheceu à meia-voz, depois de um tempo de silêncio. “Mas tudo isso foi antes, quando eu ainda era jovem! Por que não aprendi nada de tudo aquilo e me tornei um homem correto? Ainda era tempo.”

A neve parou de cair. Knulp voltou a descansar por um instante e quis sacudir a neve espessa do chapéu e da roupa. Mas não conseguiu, estava ausente e cansado, e agora Deus estava muito perto dele, seus olhos claros estavam bem abertos e brilhavam como o sol.

“Vamos, fique contente”, disse Deus, “de que lhe serve tanta reclamação? Você realmente não consegue ver que tudo correu bem e que nada deveria ter sido diferente? Você queria por acaso ser um senhor ou um mestre de ofício, com mulher e filhos, e ler o jornal no fim do dia? Será que você não fugiria imediatamente daqui para dormir com as raposas na floresta, fazer armadilhas para os passarinhos e domesticar lagartos?”

Knulp se pôs a caminhar novamente, bamboleava de cansaço, mas não se dava conta disso. Agora estava muito mais tranquilo e concordava, agradecido, com tudo que Deus lhe dizia.

“Veja”, disse Deus, “eu não gostaria que você fosse de nenhum outro jeito além daquilo que é. Em meu nome você andou por aí e sempre levou um

pouco da nostalgia da liberdade às pessoas sedentárias. Em meu nome você fez idiotices e se deixou ridicularizar; eu mesmo fui ridicularizado e amado em você. Você é meu filho, meu irmão e um pedaço de mim, e não desfrutou nem sofreu nada que eu também não tenha vivenciado com você.”

“Sim”, disse Knulp e assentiu vigorosamente com a cabeça. “Sim, é isso, na verdade eu sempre soube.”

Deitou-se sereno na neve, seus membros cansados se tornaram muito leves e seus olhos inflamados sorriram.

E quando os fechou para dormir um pouco, ainda ouviu a voz de Deus falando, e continuou a olhar para os Seus olhos claros.

“Bem, então não precisa mais reclamar?”, perguntou a voz de Deus.

“Não preciso”, Knulp concordou e sorriu tímido.

“E está tudo bem? Tudo está como deveria ser?”

“Sim”, ele assentiu, “tudo está como deveria ser.”

A voz de Deus se tornou cada vez mais baixa e ora soava como a voz de sua mãe, ora como a de Henriette, ora como a voz boa e suave de Lisabeth.

Quando Knulp abriu de novo os olhos, o sol brilhava tão forte que ele precisou fechar depressa as pálpebras. Sentia a neve cair pesada em suas mãos e quis sacudi-las, mas a vontade de dormir era mais forte do que qualquer outra que já havia sentido.

Como Hermann Hesse salvou minha vida

Ferréz

Meu exemplar surrado de *Knulp*, como quase todos de Hermann Hesse, foi comprado num sebo em Santo Amaro, zona sul de São Paulo. Na época eu tinha 22 anos, trabalhava num arquivo morto ali perto e no horário do almoço comia rapidamente para poder passar o restante do tempo garimpando as preciosidades em promoção. *Knulp* foi um desses achados.

Já tinha um Tchékhov sem capa na fila, além de um Flaubert desbeichoado e com algumas folhas faltando, que custara a mesma bagatela. Levei o livro para o trabalho e, enquanto arquivava os documentos, observava a capa, que mostrava um jovem com uma grande blusa marrom e um chapéu enfeitado por flores, admirando a paisagem. Prometi ali, naquele momento, que eu só leria o livro na Alemanha, país de origem do autor. Esperei dez anos para que isso acontecesse.

Depois desse emprego, fui trabalhar fazendo lanches no Bob's. Foi quando decidi que meu pequeno quarto se converteria em escritório. Enquanto lia *Narciso e Goldmund*, outra obra fundamental de Hesse, costumava fechar o livro e me debruçar na janela de madrugada para olhar os barracos, as caixas-d'água e algumas luzes fracas, mas ainda acesas. Vida em contraste.

A literatura está em mim porque ela foi meu escudo. Mas um escudo de proteção, não de guerra. Quantas vezes deixei de estar na viela para terminar um romance comprado a um real num sebo, e no outro dia as notícias de tiroteio e morte me inundarem? Quando digo que a literatura me salvou, falo de algo absolutamente literal.

Eu tinha catorze anos e estava na favela Jangadeiro, também na zona sul, visitando um amigo. Abandonado pela mãe, ele tinha ficado completamente arrasado. Com outro companheiro, fui lá dar uma força com nosso afeto e levar alguns alimentos. Chegamos no barraco e ele estava deitado, sem ação, num estado deplorável. Havia apenas uma cama bem precária, um pequeno fogão de duas bocas, uma cadeira e algumas coisas num guarda-roupa sem portas.

Fizemos um café e começamos a puxar conversa para ver se o animávamos: ele contou a história toda e disse que dali em diante estava

absolutamente só — a mãe tinha deixado para trás até mesmo sua pequena biblioteca. Como eu gostava de gibis, ele os ofereceu para mim; me abaixei e comecei a mexer na caixa de feira com alguns volumes. Entre tantos livros, uma capa me chamou a atenção, com uma espécie de medusa. Peguei e disse que levaria aquele comigo.

Era o romance *Demian*.

O primeiro livro que li na vida era de Hermann Hesse.

Passa muito tempo, estou finalmente em Berlim, na Alemanha. Tenho um exemplar de *Knulp* em mãos. Ao iniciar a leitura, reparo num menino à minha frente, e não sei se ele é o personagem ou se sou eu mesmo vagando, não sei mais se estou em Berlim ou no Capão Redondo. As surradas páginas me colocam dentro de uma história calma, com os passos largos do jovem Knulp — que aos poucos se distancia da juventude. Paro num café, também cansado de tanto andar, mas uma mulher não me prepara um jantar, um amigo não me dá uma cama para descansar, não vejo pela janela uma linda jovem solitária. O que tenho é um fim, um copo de café e a sensação de ouvir baixinho a melodia da música cantada por Knulp. De alguma maneira, pareço ter emergido daquela canção.

Saio zanzando pelas ruas e vejo uma casa aberta, com livros nas estantes e cadeiras escolares encostadas na parede. Continuo minha caminhada, observando as ruas estreitas e o comércio local, mas, curioso, volto para perguntar ao meu tradutor sobre aquela casa. Um espaço de leitura, ele diz. Simples assim: alguém abre sua casa para que outros entrem e leiam, para a literatura. Essa ideia me capturou, tornou-se uma imagem recorrente em minha vida.

Inspirado por aquilo, nos dias seguintes até tentei chegar na pequena e pitoresca cidade de Calw, onde Hesse nasceu. Mas duro, com o dinheiro da viagem no fim, não consegui.

Já no Brasil, fazendo minhas poesias em shows de rap por várias favelas, levava alguns livros e falava que ali, naquela favela, naquela mesma noite, abriríamos um ponto de leitura. As pessoas do evento ficavam caladas e eu entendia esse ar de dúvida, então eu logo requisitava alguém e dizia:

— A pessoa leva esses livros com a promessa de deixar a sala de casa aberta uma vez por semana, e pronto! Quem entrar pode pegar o livro, ou ler ali mesmo, e está feito o ponto de leitura. Prometo enviar mais livros uma vez por mês.

Sempre tinha alguém na multidão que se candidatava para estar à frente do novo ponto de leitura.

Voltei para a minha quebrada, favela Santiago, no Jardim Comercial, Capão Redondo. Num dia chuvoso, em que as mães já tinham recolhido as roupas do varal, as crianças já tinham corrido para dentro de casa e a viela estava quase inundada, eu caminhava com amigos falando da importância de fazer o bem para as pessoas.

A chuva apertou e paramos de percorrer as vielas, fomos para a lateral da travessa Santiago e buscamos refúgio do aguaceiro junto a uma pequena cobertura. Fiquei contemplando a casa do outro lado da rua, meus amigos perceberam e perguntaram se ela me trazia alguma memória.

Lembrei então da história triste que marcou aquele lugar. Abrigara um conhecido, tão amável com todos, sempre caprichoso em manter a casa linda e aberta, servindo alguma comida típica da sua terra toda vez que retornava do emprego de cozinheiro. Um rapaz doce e prestativo, assassinado por homofobia.

Desde o triste episódio, a casa estava vazia, as plantas, mortas e as grades, enferrujadas. Tudo ali sem vida. Foi assim, naquele dia de chuva e recordações amargas, que decidimos estabelecer nosso próprio ponto de leitura: Interferência.

No começo foram os livros de Hermann Hesse para abençoar. As estantes iam lotando, porém quase nenhum adulto parecia interessado. Percebi que teria que aprender a falar para as crianças, elas seriam o primeiro público. Comprei livros infantis e pronto: foram os pequenos que passaram a entrar e a mexer nos livros desde então.

Isso já faz quinze anos, e mais de 1200 crianças passaram por lá.

Tempos depois descubro quase por acaso que, no início da Primeira Guerra Mundial, o próprio Hesse se engajou em projetos humanitários. Um de seus trabalhos foi a criação de um grupo que enviava livros para detentos.

Lá atrás, com os personagens de Hesse, me interessei pela aula de piano clássico oferecida numa rua do Capão pela professora Everli, filha da minha professora de datilografia (que, aliás, me garantiu o único diploma que tive na vida). Foi graças a Hesse também que, depois dos quarenta, deixei o Capão e me estabeleci em Itapeverica da Serra, mais perto das árvores.

Certa vez, durante uma palestra numa faculdade de elite, uma senhora me perguntou com um ar de cobrança:

— Mas você *saiu* do Capão?

Eu quis saber então se ela já tinha passado uma noite numa favela.

Ela disse que não, claro.

— Quarenta anos *num* tá bom, senhora?

Toda vez que eu fechava a última página de um livro de Hesse no meu pequeno quarto, saía correndo pelas vielas da favela procurando alguém disposto a ouvir aquelas histórias maravilhosas. Muitas vezes era frustrante: ao pronunciar a palavra “livro”, meu interlocutor debandava na hora.

Não culpo esses meus não ouvintes. Como eles saberiam que ler é algo absolutamente sublime, se muitas escolas matam esse prazer ao obrigá-los à leitura de romances empoeirados aos doze anos de idade? Se não contam a vida dos autores? Se não fornecem o contexto da obra com a realidade da época? É triste, e muitas vezes contraproducente. Pior: fazem muitos de nós crescerem com ódio de certos livros. Algo que poderia ser um amor para a vida toda é transformado — aos golpes de didatismo sem graça — em um objeto de que muitos têm receio de se aproximar. Como, depois disso tudo, descobrir o quão grande foi um autor como Machado de Assis?

Virando a viela... por ali vai um idoso com mais de setenta anos, de olhar triste e tentando subir para casa. O copo de pinga na mão, a respiração agonizante, e as pessoas passando pelo corpo cansado e praticamente invisível. Todos nós, de certa forma, não temos os pulmões em pedaços, não é cada vez mais difícil escalar o morro? O real e o imaginário?

Se Hesse sempre foi a paz, eu então habitava o caos. Morar na periferia poderia ser algo bom, tranquilo, e eu bem gostaria que fosse. Mas nada mais distante desse desejo.

Em *Knulp* — assim como em tantos outros livros seus —, Hesse traz a questão de Deus.

Na minha quebrada, Deus não é um cara barbudo que fica no Céu te protegendo. Deus, aqui, é uma proteção necessária para cada minuto de vida. Aqui, Deus pode ser uma palavra de sorte. Aqui, Deus é você passar intacto pela blitz da polícia. Aqui, Deus é você cruzar com seu inimigo na viela e voltar para casa e poder abraçar seus filhos. Desse lado da ponte, Deus tem outro sentido, não é somente um cara que criou tudo: é o cara que *mantém* tudo, é o cara que *dá* sentido a tudo, é o cara que *conversa* com você na escalada do morro, na neve, quando você cospe sangue, mesmo que a neve esteja só no seu imaginário, no mundo de *Knulp* ou em outro mundo inventado pelos homens.

Ao longo do livro, Knulp conversa muito com (e sobre) Deus, mas vive com os pés aqui embaixo. Ele carregava o que chamava de biblioteca ambulante, algumas folhas de papel nas quais copiava poemas e provérbios, e um maçozinho de recortes de jornal, além de ilustrações de revista que recortava. Quem é da minha época sabe que sempre fizemos isso na nossa era sem internet. Demorou até que eu *googlasse* para saber como era o rosto da atriz Eleonora Duse, citada no livro, o recorte preferido do protagonista.

Se eu começasse a elencar toda a influência da literatura de Hesse em minha vida, certamente não caberia neste posfácio. Suas histórias me salvaram diversas vezes. Não só de bala, briga e juramento de morte. Mas também de uma existência medíocre, apagada, regada a desencanto e à pura invisibilidade. Seus personagens me abriram os olhos para a importância de cada ser humano, de cada planta, de cada rio. Me fizeram olhar para dentro de mim e para o mundo lá fora. E aprendi muito com isso.

Talvez o que ele mais tenha deixado em mim seja a abertura para enxergar valor no outro. Assim, ainda que eu queira ou mesmo tente, o ódio fica em segundo plano, pois eu vejo beleza do outro lado, porque eu aprendi a ler essa beleza, por mais que aqui não tenha os bosques, os vilarejos, por mais que aqui os ventos só soprem para fazer virar o lixo que está na rua, que faça voar somente a sacola plástica em vez do pássaro, por mais que os córregos não sejam os rios. Quando eu fecho os olhos, ainda vejo a beleza, ainda *sinto* a beleza, a mesma beleza que Knulp via enquanto caminhava livre. Também os homens são flores.

Adolescente, Hermann Hesse poderia ter sido considerado um “perdido” — assim como muitos de nós. Conquistou um emprego como aprendiz na firma Perrot, que fabricava relógios para torres de igreja. Permaneceu no emprego por um ano e meio, enquanto dava seus primeiros passos na escrita. Durante esse período, planejava seriamente emigrar para o Brasil, assunto frequente em seus apontamentos e escritos. Um pouco mais tarde, mestre, amigo, mano, você acabou chegando, e ainda está aqui com todos nós.